JORNAL DAS MOÇAS

ANNO 1 - Nº 16.
10-1º de JANEIRO
1915

FABIANS

400 Reis.

Se[illegible]a Alicinha Telles

BELLEZAS CARIOCAS

FOLHETIM 15

JULES MARY

AMO-TE

Primeira parte

VII

Sobre Rochevaux a chuva cae em longas camadas pardacentas sobre os montes de trigo cortado e amarelados pelo reflexo das luzes distantes.

E' um espectaculo tão bello e estranho que Genoveva admira-o verdadeiramente encantada pelo que lhe offerece de maravilhoso e sobre natural.

Sob a sombra das arvores ella se approxima o mais que pode de Rochevaux, ella chega até ao parque e entra pelas aléas muito estreitas sobre as quaes os ramos das arvores se entrelaçam.

Sendo muito frondoso o bosque ella facilmente se pode occultar.

E' ahi que ella quer esperar.

Si Rolanda vier deste lado ella está perdida.

Mas virá? porque razão sairia? O vento continua a soprar em tempestade. A's vezes a chuva cae em lufadas.

Faz um frio penetrante Rolanda não se arriscará a sahir.

— Bem, tanto melhor, tanto melhor, diz Genoveva de si para si, mas si ella vier é porque Deus marcou-a com a sua colera e indicou-lhe o castigo!

Atravez das ramagens, atraz das quaes a pobre mulher se occulta, avista-se a ponte e os grandes macissos gramados com seus tufos de arbustos, esperando os primeiros raios de sol de maio para reflorescerem,

Percebe-se a fachada da casa toda branca, atravez dos galhos das arvores que o frio despojou de suas folhas, e que parecem mortas.

Desta fachada Genoveva não tira os olhos.

Durante uma pequena estiada, o vento mais calmo e quando o sol apparece lançando seus raios sobre os campos adormecidos, a porta do castello se abre e Rolanda apparece, resguardada por uma capa ampla, tendo á cabeça um gorro de pelle de raposa.

Um grande cachorro galgo sae detraz della e embarafusta-se como louco pelos grammados e tufos dos arbustos, latindo.

Elle vae e vem com velocidade de uma flecha sempre latindo, numa destas investidas atira-se sobre sua dona, alegre, saltando, depois parte de novo.

Tem necessidade de destender suas patas ageis, entorpecidas por uma noite de repouso sobre finas pelles de cabra do Thibé onde elle dorme, no vestibulo; mas como os grammados não lhe bastam e os arbustos lhe impedem de alongar as suas corridas elle atravessa a ponte e entra no parque.

— Mac, grita Rolanda, Mac aqui, aqui. vem aqui...

Mac não escuta nada. elle não correria tanto, não seria tão ligeiro, si tivesse levantado uma lebre.

De repente estaca, diante da moita atraz da qual Genoveva se achava.

Elle parou attonito surprehendido porque descobrira o vulto, e inquieto farejava e latia.

— Mac, Mac, grita Rolanda.

O cachorro acúa, parece ter consciencia de um perigo, late desesperadamente.

— Que grande maluco! murmura mme. De Chantereine, com certeza elle encontrou um gato, e não voltará sem que eu o vá buscar.

Ella atravessa o terraço, entra na ponte e dirige-se para o local onde está o cachorro.

Genoveva, que acompanhou os seus passos, tremula, a cabeça pendida, profundamente emocionada murmura:

— O proprio Deus a condemnou!

Rolanda está a alguns passos apenas de distancia.

Genoveva agachou-se. procurando occultar-se ainda mais.

Rolanda não a pode ver porque o seu capote se confunde com as cores das ramagens entrelaçadas. Grita de novo:

— Mac! Mac! aqui!

O cão não attende. Um simples movimento de Genoveva basta para collocal-a frente a frente de sua rival.

Ella tem medo. Si não estivesse encolhida, quasi deitada sobre o solo humido, teria sem duvida, cahido, pois que treme agitada em convulsões nervosas.

— Não ousarei: E' um grande crime. Não, não ousarei!

De repente, uma das janellas da frente do castello se abre e faz tremer Genoveva, e uma voz conhecida outr'ora amada, echoa no silencio profundo:

— Está bem Mac! Queres obedecer a tua senhora?

E' a voz de Montbriand.

Elle achava-se em Rochevaux tão á vontade como em sua propria casa, nem sonhava no escandalo imminente, nem na angustiosa situação de sua mulher, louca de ciume, ferida no seu amor proprio.

Genoveva deixou escapar um profundo suspiro.

Julgava ter supportado tudo. Imaginava que não tinha mais o que soffrer. E entretanto aquella voz entrava no seu coração, produzindo uma dor, uma ferida mais cruel que todas as outras.

— Está bem Mae. tu vaes apanhar, dizia Rolanda.

— Desgraçada! desgraçada! murmurou Genoveva, não tem vergonha.

Desta vez ella se levantou, porque a colera mais forte do que o terror traçou em sua mente, em um só instante, todo o quadro de suas torturas passadas: supplicas inuteis, lagrimas desdenhadas, bellesa despresada, ultrajada, esquecida; revolta-se contra a injustiça dessa deshonra que triumpha, contra a felicidade insolente dessa ligação que se proclama.

Ella grita bem alto, como gritara um dia vendo seu marido atirar-se para Rolanda na fonte de Théols.

— E eu, que sou então?

A senhora de Chantereine a ouviu. Teve um gesto de medo.

— Está aqui alguem... e gritando para o cachorro disse: pega, Mac, pega!

Genoveva correu para sua odiosa rival emquanto o cão estraçalha desesperadamente a sua saia,

Ella agarrou o braço de Rolanda e, com o som de voz estranha, mudado. rouco, quasi a voz de um homem, disse:

— Eu te havia prevenido, sem que te importasses; eu te havia dito que tomasses cuidado!

Rolanda procura desprender-se das mãos de sua rival, mas neste momento, sente-se fraca como uma criança e paralysada pelo terror.

Genoveva prosegue:

— Eu não quero que morras! E' na tua belleza que eu vou punir o teu crime.

E lança-lhe ao rosto o conteûdo do frasco que não o deixa ha tres dias e que ella guardara todo esse tempo em sua mão.

O liquido espalhou-se pelos cabellos de Rolanda, pela fronte, desceu para os olhos, attingiu uma das orelhas, corroendo, cavando, queimando-lhe a face esquerda.

A senhora de Chantereine soltou um grito horroroso, levando as mãos á cabeça e cahindo de joelhos por terra.

— Soccorro, exclama! E' horrivel! Matai-me. . matai-me... Acabai antes commigo...

Mac abandonou sua presa.

Esses gritos estridentes o inquietam, em Rochevaux. Heitor adivinhou tudo e correu acompanhado dos criados. Reconheceu a mulher. Viu-lhe o gesto e comprehendeu. Os criados levantaram a senhora de Chantereine que se debatia por terra, Heitor precipita-se para Genoveva.

— Que fizeste?

— Eu te escrevi, quando resava todos os dias no oratorio: « não terei a paciencia e a resignação de Carlota d'Albret ». Estou vingada. Agora, faze de mim o que quizeres!

Ella agora está de joelhos, aniquilada, todos os nervos destendidos.

Tinha tido coragem até alli, mas estava tudo acabado, sentia-se fraca e quasi a morrer.

E entre sua mulher, de quem tinha esmagado o coração, e sua amante cujo rosto via deformado, elle não sabia que fazer. E repetia machinalmente :

— Desgraçada, desgraçada ! ... Que crueldade ! E' horrivel...

Os criados levaram Rolanda que, furiosa pela dor produzida pelo corrossivo, debatia-se em suas mãos, enchendo o espaço ambiente de seus gritos lamentosos.

Heitor não a a seguira.

— Foge, Genoveva, foge ! exclama. Tu acabas de commetter um grande crime. Não podes ficar mais em França.

— Não fugirei. Vinguei-me. Estava no meu direito.

— Mas amanhã, nesta propria noite, surgirá a prisão e depois a deshonra... Pensa em teus filhos... Basta de tanto escandalo.

— Agora é que tu pensas nisto. E' tarde de mais.

— Mas desgraçada, trata-se do tribunal do Jury, do juiz de instrucção !

— Que me importa ! Submetto-me a tudo.

— Não fiques aqui !

— Sim, irei embora. Vou apresentar-me á justiça. Não esperarei que me venham buscar.

Levantou-se penosamente e sahiu pelo parque áfora.

Por varias vezes pára, vacilla, e segura-se a uma arvore. Desapparece.

Montbriand manteve-se no mesmo logar. O terror, a piedade, o horror divide-se em sua alma. De um golpe e de repente, elle abrange toda a sua vida incomprehendida, sua existencia compromettida, por sua culpa e desfeita em ruinas. E do fundo de sua consciencia, uma voz grita : « Foste tu o unico culpado ! »

— A quem tenho sido eu util ?

E uma expressão de desgosto sóbe a seus labios. Elle sente despreso por si mesmo.

— Eu é que deveria ter soffrido a sua punição, o ferido deveria ter sido eu, não ella. Só de mim é que partiu o mal.

Elle volta a passos lentos para Rochevaux. Um criado partira para chamar um medico. Rolanda soffre torturas horriveis. Cobriram-lhe o rosto com pannos molhados em oleo. Elle approxima-se della. Falla-lhe. Ella peconhece-o.

— Vae-te embora. Não quero ver-te mais, Some-te para longe de mim !

Como a superexcitação redobre o seu soffrimento, Heitor retira-se.

Deixa o castello e sae a errar pelos campos, sem capa, sem chapéo, com passo de bebedo ou de louco. Não é na victima que elle pensa, naquella que se estorce em seu leito de dor, pensa na rapariga que elle esposou, tão meiga outr'ora e tão confiante, tão feliz e tão amorosa, de quem o seu abandono ultrajante e brutal fez uma criminosa.

Já não vê a arrogante physionomia de Rolanda, mas o delicado semblante de Genoveva.

Que supplicio de todos os dias antes de chegar aquelle drama horroroso !

Quanta reviravolta em sua vida ! Que de noites sem somno, com a fronte abatida, o olhar fixo, a repellir as idéas de loucura, as idéas do crime !

. . . .

Nesta mesma tarde Thurgis achava-se no seu gabinete no Palacio da Justiça. Não trabalha, assaltado por profundos presentimentos de desgraças.

Pensou em sahir por varias vezes, mas foi retido por uma força mysteriosa.

Sabe muito bem que se o dia se escoa sem que elle torne a ver a senhora de Montbriand, é que Trinque conseguiu impedir o crime, é que Heitor e a sra. de Chantereine, partiram antes disto, não tendo mais a temer de parte de Genoveva sinão uma crise de desespero.

Eis porque elle não deixa o Palacio da Justiça e porque a cada pancada de relogio que sóa o faz extremecer.

Seus nervos tornaram-se dolorosos. O dia passou-se na maior anciedade.

A tarde approximava-se.

Já por uma janella aberta de seu gabinete, elle vê o sol, ainda ha pouco envolto em raios fulgurantes, ir amortecendo como que concentrando em si toda a luz, arredondando se, e descer ao horizonte.

A obscuridade desceu quasi sem crepusculo, como em certas noites de inverno: a tristeza espalha-se em torno, á medida que diminuem os rumores da pequena cidade.

Um soldado traz uma lampada, sem que elle dê por ella, tamanha e tão profunda é a sua preoccupação.

—Caso não aconteça nada ! caso ella tenha medo no ultimo momento ! Caso ella não illuda a vigilancia de seu pai !

Enervado, elle passeia em seu gabinete. De tempos a tempos vai á janella olhar para fóra.

A escuridão é já profunda e na rua treme a luz de um bico de gaz.

—Si ella vier, não pode ser sinão deste lado.

Mas elle espera, sua alma sente-se alliviada, ella não virá. E' tarde de mais.

Pela noite sombras passam a longos intervallos. Como seria bom estar seguro de que ella não virà : cada uma dessas sombras precipita os éstos de seu coração. Eis uma que para. Que pretenderá ella ? E' uma mulher.

A ventania faz agitar-se loucamente a chamma do gaz.

Elle nada pode distinguir o rosto dessa sombra. Está envolto num largo manto que occulta todo o seu corpo. Já vai subindo os degráos do Palacio da Justiça. Que virá fazer a taes horas ?

O Palacio da Justiça está deserto. O porteiro vai fazel-a voltar sem duvida. Elle olha sempre. Não, cousa estranha, ella não desce !...

Elle ouve passos no corredor que separa seu gabinete da bibliotheca.

—Entre! exclama disse elle sem cessar de ter os olhos fixos na rua em baixo.

E' o porteiro que entra timidamente.

—Peço perdão ao sr. juiz por incommodal-o a esta hora. Sei que não recebe mais, mas creio que se trata de um caso muito urgente. E essa dama insiste de tal modo...

—Que dama ?

—A que está lá em baixo e que espera a boa vontade do sr. juiz.

—Quem é ella e que quer ?

—Eu já lhe perguntei isto por varias vezes, insistindo.

—E então?

—Por unica resposta, poz-se a chorar.

—Si não quer explicar-se, dize-lhe que se apresente amanhã, ás dez horas. Hoje não attendo a mais ninguem.

(Continúa).

ANNO I RIO DE JANEIRO, 1 DE JANEIRO DE 1915 NUM. 16

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

EXPEDIENTE

CONDIÇÕES DE ASSIGNATURAS

Anno . . . . 10$000
Semestre . . . . 6$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Numero avulso 400 réis ; nos Estados 500 réis

As importancias das assignaturas podem ser remettidas em carta registrada, vale postal ou ordem para casa commercial desta praça.

Toda a correspondencia deve ser dirigida (provisoriamente) para a Avenida Rio Branco, 180 (Officinas), endereçada a F. A. Pereira.

D'ora avante não restituiremos as photographias que nos forem remettidas, as quaes ficarão pertencendo ao archivo do *Jornal das Moças*.

Responderemos, com a maxima solicitude, ás consultas feitas pelos assignantes, sobre qualquer assumpto que lhes possa interessar e de accôrdo com o programma do *Jornal das Moças*. As respostas poderão ser dadas por carta, desde que a consulta ou pedido de informação seja acompanhado de um sello do correio para franquia postal.

A' guisa de Chronica

PARA O ANNO BOM

MAIS um anno, querida! E os dias que se passam, os anceios que se perdem, os brandos fulgores da esperança que esmorecem, sonhos que morrem, frontes que se abatem, flores de vida que murcham, fios de prata que alvejam sobre nossas cabeças, emquanto a ampulheta do tempo, Sisypho da eterna derrocada, vae coando, grão a grão, tudo que cerca esta existencia, e que passa e que morre!

Ainda hontem, a gondola empavesada dos enlevos risonhos da juventude ia deslisando serena, á flôr das aguas da existencia festiva, á margem da corrente das gratas esperanças, onde as florinhas da ribanceira entreabriam-se como vagos sonhos de virgem, mandando ao céo o perfume dulcissimo de suas corollas.

O passaredo estridulo cantava. Era a manhã serena da vida. A canção das aves casava-se á celeste volata de nossos anceios.

Tudo tão claro! A luz do céo vinha esbater-se na claridão diaphana de nosso seio onde o coração fazia refluir sobre si mesmo, ao envez do sangue arterial, um liquido roseo, feito do succo aromal das encantadas flores da illusão.

Como era divino aquelle brando devanear de nossas scismas, vago embalar de quem vê tudo a sorrir, como nos primeiros embevecimentos da mocidade!

Mas veio um anno, um outro mais, formando-se em breve a cadeia extensa de nossos abris passados.

A principio parecia tudo um encantamento do céo. Vinha um anno e passava tão rapido como as claras manhãs de nosso amor. Quando davamos com elle, estacavamos absorptos, perguntando a nós mesmos: — Como foi isto? E abraçavamo-nos ante o céo sempre azul e o fulgor de nossas faces, cheias ainda da viva colloração de nossa curta idade.

« A juventude, disse um grande poeta, tem sempre uma irradiação particular, ainda mesmo em meio dos soffrimentos. »

Que nos importava o perpassar dos annos, si a nós parecia sempre que a seiva fecunda da mocidade era como um eterno renascimento das inexhauriveis fontes da nossa constancia e de nosso amor?

Nós não sahimos nunca dos 15 annos, a que Musset chamou a idade de Julieta.

Para nós todo o mez era de Abril. « Neste mez, escreveu Victor Hugo, a natureza resplende nos fulgores amenos que passam dos céos, das nuvens, das arvores, dos prados, das flores, para o coração do homem. »

A mocidade é como um grande roseiral: cada anno que se completa é cada botão que se desabotôa. Ha os perfumes em torno — são os sonhos embevecedores. Vêm as phalenas, com suas tenues roupagens brancas, pequeninas noivas volitando por sobre os botões roseos. Depois, surgem as grandes borboletas pintalgadas, almas de azul que descem sobre as corollas perfumadas, derramando sobre ellas o pollen de ouro de suas azas, como as caricias eternas dos que se amam. De tempos a tempos, apparecem as vespas. São os ciumes que andam fazendo rumor e esses passageiros arrufos que andam picando de leve o coração dos namorados. Mais tarde é que vêm as parasitas e as larvas tisnando as flores, babando as roseiras e fazendo murchar o folhedo verdejante. Seguem-se os desenganos que chegam com os annos que passam, desillusões amargas que serpeiam por sobre as flores ainda ha pouco perfumadas pelo halito embriagador dos amores que se fanaram.

A nossa vida era como um grande astro em torno do qual gravitassem as éras, sem que nos chocassem.

O sonho da mocidade é como uma grande cegueira interior. Nós só vemos o que nos anda luzindo intimamente. Quanto maior o fulgor que nos vae pela alma, mais cégos caminhamos.

Um bolide incendiou a atmosphera ou um anno decorreu, é a mesma cousa. Phenomeno sem importancia na vida da mocidade, momento minimo na sequencia das nossas visões luminosas.

Que te importa saber, virgem casta do amor, si no eterno evoluir das espheras um astro se desagregara e se perdera na infinita noite do incommensuravel, si uma flor pendera, si uma ave passara, ruflando as azas, si um suspiro morreu ao estalido de um ultimo beijo, si as asas de um insecto roçaram de leve os roseos labios de uma creança que dormita ou si mais um anno passou?

Não te basta esse quasi fantastico mundo de sonhos em cujo giro estupendo leva tua alma de envolta?

Mas os annos surgem, e a mocidade, como a ave medrosa que a fria manhã do tempo sorprehendeu a pipilar, queda-se por sob a folhagem densa dos desenganos, sem mais um doce gorgeio que relembre ao menos as venturosas utopias dos dias passados.

Antes, quando a puericia fazia nascer por sobre os nossos sonhos impuberes a casta florescencia dos frivolos enlevos de creanças, ah! como nós anceiavamos por um futuro que ora nos amedronta e nos assusta com sua avalanche de neves e de dias de sombra!

Quem sabe si a passagem de mais este anno não é o augurio de horas de dissabores e de scismas crueis?

E' o outono que surge com suas folhas cahidas e o céo carregado das pardas nuvens dos desalentos.

Antes era tão difficil marcar no quadrante do tempo o signal de mais um anno? Era que nós levavamos a vislumbrar ao longe, nesse céo afastado da juventude esse paraiso encantado de nossos sonhos infantis.

Mas depois, os malditos, numa precipitada e vertiginosa carreira cyclopica, foram passando pondo por terra toda a ramaria em flor onde cantava o garrulo passaredo de nossas illusões.

Emquanto mais este anno decorre, nós nos vamos recolhendo ao tugurio triste de nossas desesperanças, a sonhar com esse vulto negro da noite dos annos que se succedem.

Outr'ora, quando a saltitante juvinilia, em sua viva e sanguinea purpurescencia, nos fazia bibrar o coração num *crescendo* festivo de dias sem occasos, nunca o desanimo penetrava em nossa alma, toda aviventada ao calor esbraseante de nossos anceios.

Quem sabe o que trará no bojo a nave deste anno que nos vem encontrar absorptos, no outerio somhrio dos dias que fogem, olhando o alto mar onde as ondas das longas horas que se vão quebrando ao vago clamor dos sonhos; castellos que se desmoronam, atravez da branca espuma de nossas scismas que se desfazem?

E' triste, não é? ver-se que cada anno que se escapa leva comsigo, como resto de um grande naufragio, hirtos esqueletos de sonhos, brancas ossadas de visões perdidas, folhas mortas de doces enternecimentos e de castos idyllios, fibras de corações que estalaram ao peso de amargas decepções, emfim, um mundo inteiro de mil esperanças não realisadas!

Fiquemos aqui tranquillos, doce amiguinha, emquanto o Anno Novo vem ruflar á janella de nossos sonhos, ainda cheios dos echos de antigo amor, as suas asas já banhadas nas cores brilhantes do prisma celeste.

Esqueçamo-nos de que esse torvo resvalar de dias sem conta vae terminar lá onde imperam o eterno nada e a indefinida quietação das cousas.

Abracemo-nos ante o tempo que passa, só com a lembrança de que, si a morte vier, ha de passar por sobre nós como as aguas do rio que deslisam, rumorosas, osculando, á margem da corrente, duas florinhas que vivem presas a mesma haste, embalsamadas pelo mesmo perfume, assim como os nossos corações o são pelo mesmo amor.

SYLVIO.

Senhorita Laura Pereira
illustrada professora publica e intelligente amadora das bellas artes

CASARAM-SE no dia 24 do mez passado o estimado negociante sr. Silvestre José Simões com a senhorita Irene Rodrigues, filha do conhecido e importante negociante Alberto Rodrigues.

O acto civil realisou-se em casa dos paes da noiva, sendo testemunhas, do noivo o sr. Joaquim Pereira de Azevedo e da noiva o Sr. José Maria Pereira de Castro Filho.

O acto religioso teve logar na igreja da Candelaria ás 9 horas da noite, sendo testemunhas do noivo o sr. Joaquim Pereira de Azevedo e sua exma. esposa e da noiva o sr. Alvaro Machado e sua exma. esposa.

Atheneu Club

No dia 19 do mez passado, o Atheneu Club, realisou um brilhante sarão litterario-dansante que correu animadamente.

O dr. Adolpho de Albuquerque fez uma bella conferencia sob o thema — «Intelligencia» — e o sr. Pereira da Silva, uma dissertação sobre scientistas entre os quaes incluia o illustre conferencista.

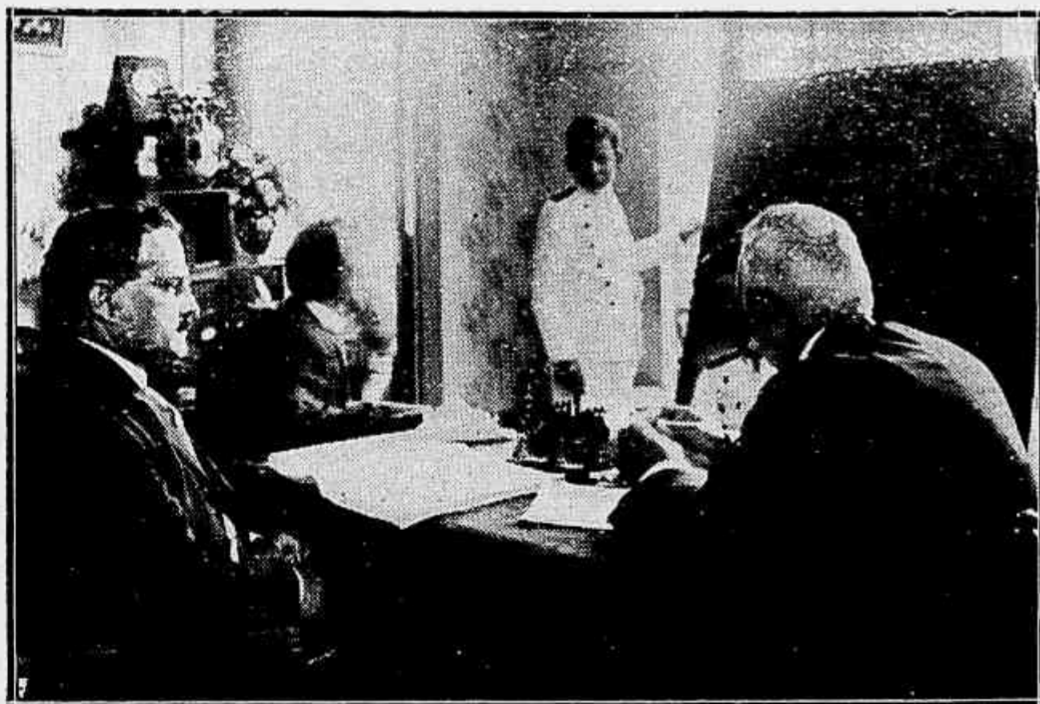
As dansas prolongaram-se com grande animação até a madrugada.

Achavam-se presentes entre outras as seguintes senhoras e senhoritas: mme. Carvalho, mlles. Idalina Pinto, Maria Aurelia de Mattos, Sylvia Costa. Violeta Cruz Mattos, Zilda Silva, Marietta Machado, Iracema Moraes, Alzira Terra, Florinda Costa da Silva, Jandyra Costa, dra. Eponina Rosa Silva Freitas, Etelvina d'Azevedo, Isolina Costa. Edith Bastos, Esmeralda d'Oliveira,, Carmen Moraes d'Oliveira, Maria da Gloria Bastos, Palmyra Reis e dra. Julieta Cordovil d'Oliveira.

Collegio Maia

Sob a presidencia do director deste estabelecimento de instrucção realisaram-se os exames do anno lectivo cujo resultado foi o seguinte:

Approvados com distincção: Antonio Pinho, José Moura, Waldemar Picanço, Alberto de Carvalho, Armando Corrêa, Raul Diederichs, Alvaro Braga, Norival de Almeida Newton Maia, José Torraco, Jurandyr Valença, Mario Coelho, Waldemar Nobre da Silva, Sylvio Fonseca e Ermelindo Fernandes.

Approvados plenamente: Waldemar Werneck Franco, Oswaldo Leal, Antonio de Moura Costa, José Pires Lousada, João Picanço da Costa, Lucio Valentim

Um alumno prestando exame de mathematica

Coelho, Manoel Marcos, Francisco Betim Paes Leme, Armando de Carvalho, Ernani Costa, Jorge Cardozo, Bernardo Ferreira Leão, Oswaldo José do Espirito Santo, Francisco Vianna, Antonio Leira, Flavio Fonseca, Marcio Franco, Francisco Barcellos Machado, João Barcellos Machado, Francisco Franoo e Aristides de Oliveira.

Approvado simplesmente: Clelio Mesquita.

Ao terminarem os exames, o alumno Raul Macedo recitou um discurso agradecendo á mesa examinadora o seu bom concurso para o brilhantismo do acto.

A's 6 horas da tarde foi içada a bandeira offerecida pelos alumnos ao seu collegio, formando nesta occasião o batalhão escolar sob o commando do major José Pires Lousada em continencia a bandeira.

A' noite fez-se ouvir um pouco de musica e foram recitadas bellas poesias pelos alumnos e seguiram-se as dansas que se prolongaram pela madrugada.

As distinctas familias que a esta festa compareceram retiraram-se satisfeitissimas pela boa impressão que lhes causou esta festa escolar.

Club Vinte e Quatro de Maio

Esteve realmente deslumbrante a festa que, a directoria do Club Vinte e Quatro de Maio, organisou em commemoração ao nascimento de Jesus.

Houve distribuição de bembons e grande variedade de brinquedos ás innumeras creanças alli reunidas em alacre e sorridente convivio.

A' noite teve logar uma encantadora «soirée» dansante que correu com grande animação.

Collegio N. S. da Estrella

Este importante estabelecimento de ensino realisou no dia 20, o encerramento dos trabalhos escolares, com um festival litterario, no qual tomaram parte alumnos e alumnas que revelaram intelligencia, e muito aproveitamento.

Houve, antes, pela manhã, missa em accão de graças, na igreja de Santo Affonso e primeira communhão para os alumnos e alumnas.

Escola Litteraria Paula Ney

O joven poeta Homero Pinho, autor do poema «Delirio Nocturno», em companhia de outros escriptores conhecidos no nosso centro litterario, teve a feliz idéa de fundar uma escola litteraria, e para esse fim a escola realisará em sua séde provisoria, no salão da Associação dos Empregados do Commercio de Nictheroy, as primeiras sessões.

Anniversarios

No dia 25 de dezembro, passou o anniversario natalicio do distincto dr. Adonias Lima, juiz substituto federal no Ceará.

Na cidade da Fortaleza onde reside o illustre patricio, gosa da mais justa estima, devido aos seus dotes intellectuaes, á sua aprimorada educação e caracter puro.

No dia 20 do mez findo completou um anno de idade a galante Heloiza, filha do sr. Imperalino Fernandes Pimenta e de sua exma. esposa Isaura Pimenta.

No dia 29 completou quatro annos a interessante Marina, filha do nosso amigo e auxiliar Manoel Nunes.

No dia 22 passou o anniversario natalicio do travesso José, filho do distincto pharmaceutico Gabriel de Souza, influencia politica em Irajá.

Passou recentemente o anniversario natalicio da galante e intelligente Glorinha filha do major Oldemar Cecilio de Andrade, funccionario da administração do Hospital de Alienados.

Casamentos

Realisou-se no dia 22 do mez passado, o casamento do sr. Attila das Chagas Leite, filho do sr. coronel Olympio das Chagas Leite, official da secretaria do

Senhorita Clarinda Albuquerque

filha do deputado coronel Albuquerque e intelligente alumna do curso de pintura Carlos Reis

Interior, com mlle. Zilda Ribeiro de Azevedo, dilecta filha do sr. José Carlos Ribeiro de Azevedo, funccionario do Thesouro Federal.

Contratou casamento com mlle. Ottilia Soares de Mello, filha do sr. coronel Henrique Augusto Soares de Mello, official de gabinete do director de fazenda da Prefeitura Municipal, com o sr. tenente José de Carvalho Bastos, funccionario publico.

O dr. Generico Pinto contratou casamento com a senhorita Lina Salazar, filha do sr. major João Salazar.

Contratou casamento com mlle. Alice Ribeiro Brandão, filha do general Bello Brandão, o primeiro tenente engenheiro João Baptista Mascarenhas de Moraes.

O sr. dr. Carlos Bastos Netto, livre docente da nossa Faculdade de Medicina, e clinico nesta capital, contratou casamento com mlle. Elza, filha do sr. professor Miguel Couto.

O sr. primeiro tenente da Armada Braz Paulino da Franca Velloso contratou casamento com mlle. Maria de Jesus, filha do dr. Manoel Cicero Peregrino da Silva, director da Bibliotheca Nacional.

Nascimentos

O lar do sr. Waldemar Venanci Marques foi enriquecido com o nascimento de um nutrido filho que se chama Ligmar.

Nossos parabens ao illustre amigo e sua exma. esposa d. Maria da Conceição Marqnes.

O lar do dr. Raymundo Orestes de Aguiar e de sua exma. esposa d. Cecilia Carrazedo de Aguiar acaba de ser enriquecido com o nascimento de uma galante menina que na pia baptismal receberá o nome de Lyanna.

QUANDO O AMOR MORRE

(A meu bom amigo e mestre F. V.)

Esquecendo o soffrer que me matava,
Senti pulsar meu peito, certo dia ;
Nas minhas dôres eu jámais pensava,
Deixava de penar, porque ?...
—Dormia !

Após momentos o que eu sentia,
E que aos meus olhos tanto deslumbrava,
Era a doce ventura, era a alegria
Que me prendiam, mas porque ?...
—Sonhava !

De repente, porém, eu despertei,
Pois de novo voltou a minha dôr,
E só então percebo que...
—Accordei !

Tal foi a desventura que soffri,
Que quando me interrogam sobre o amôr,
Baixando os olhos, respondo eu...
—Morri !

17—11—1914.

J. Silva.

Instruir Deleitando

Entre Scylla e Charybdes

OS ABALOS scismicos, os tremores de terra, na Italia — a terra dos vulcões — atiraram ao mar o isthmo que ligava o solo siciliano ao resto da patria de Verdi.

Formou-se então o estreito de Scylla e de Charybdes, dois escolhos temiveis que, ameaçadoramente parecem aguardar a passagem do incauto navegante.

Charybdes é do lado da Sicilia, perto de Messina; Scylla, do lado da Italia á beira da Calabria.

O primeiro é um golfo profundo onde o mar penetra uivando como fera esfaimada e num remoinho satanico e infernal; Scylla é um rochedo perigosissimo, rodeado de outros rochedos e cheio de cavernas onde as ondas se precipitam num ruido surdo como se estivessem a descer por guelas enormes de enormissimos dragões.

O piloto vê de um lado o sorvedouro, prestes a tragar o seu barco; do outro, penedias aggressivas e ameacadoras.

Se não segue exactamente pelo meio, e, se dominado pelo pavor procura evitar um abysmo, cae inevitavelmente no outro.

Estar entre Scylla e Charybdes ou, melhor fugir de Scylla e cahir em Charybdes, significa, portanto, fugir de um perigo e cahir em outro.

* * *

Leito de Procusto

Procusto era uma especie de *João Brandão* ou *José do Telhado*.

Era um salteador celebre da Attica, celebre pelos seus crimes e pela sua crueldade.

Surprehendia os viajantes na estrada; tomava-lhes o dinheiro, as joias e depois os conduzia a sua casa onde os deitava em um leito de ferro.

Se o desgraçado era maior que a cama, cortava-lhe as pernas; se era mais curto, esticava-lhe o corpo, amarrado em grossas cordas, até que chegasse no comprimento exacto do leito.

Quando temos de desempenhar uma tarefa ou missão, quer tenhamos ou não habilitações para ella e que já de ante-mão, sabemos que dahi nos hão de advir muitos sacrificios, podemos dizer que essa tarefa de que nos encarregam é para nós um leito de Procusto.

O que eu desejo, entretanto, é que as minhas leitoras não se vejam nunca deante de um leito de Procusto e que em sua vida não surjam jamais situações moraes de tal ordem, que as colloquem entre Scylla e Charybdes.

Mlle. Mimi.

A intelligente pianista russa Eugenia Kraftschuk

CORAÇÃO FERIDO

A' G. M. F.

Foste ingrata commigo em demasia
Eu que te amava com tão grande intento,
Soffro agora, profundo, o mais cruento,
O verdadeiro mal em que não cria.

E no muito que amava, mal sabia
A verdadeira causa do tormento,
E' que, se o meu amor pedia augmento,
O augmento pedido o teu não via.

Mal sabes quanto soffro, quanta pena
Meu pobre coração, que na certeza
D'uma grande tortura se envenena.

Trahiste o coração que te buscando
Dava-te a vida, toda a natureza
Ia com elle loucamente andando.

R. R. S.

Senhoritas Ermelinda Pinto, Judith Judice, Carolina Vieira (3) e Ophelia Mendes (4)

UM SONHO

A nós.

SONHEI. . . Era uma tarde linda e nós estavamos sós em meio do jardim de nossa casa. A brisa beijava apaixonadamente as frescas petalas das rosas e desfolhava-as, ciumenta, por não poder leval-as comsigo atravez de sua viagem eterna e initerrupta pelo espaço em fora. . .

Entre alegre e tristonho, com uma vós baixa como se receiasses ser ouvido pelas flores que nos cercavam, disseste-me, evocando uma terna e romantica recordação.

«Diz uma lenda grega que a virgem daquelle legendario paiz, quando quer saber quem a sorte escolheu para seu esposo, conta durante doze dias seguidos, doze das mais lindas estrellas que enfeitam o céo e na ultima noite, em sonho, ella vê a figura perfeita de seu futuro companheiro. . . Vamos, querida, faça como a virgem grega e sonha, sonha commigo. . .»

A tarde agonisava lentamente, offuscada pelas brumas da noite que vinha envolvendo a terra em seu sudario negro e tristonho. . .

Levantando os meus doridos olhos para o firmamento eu contei as doze mais brilhantes estrellas que, como flocos electricos, delle pendiam...

E assim, durante onze noites consecutivas, eu contava, debruçada molle e voluptuosamente em teu robusto peito, as doze mais chammejantes estrellas que salpicavam a abobada celeste...

Chega afinal a duodecima noite...

Nuvens negras e ameaçadoras percorriam, como monstros terriveis, o espaço que se extendia infinito por cima de nossas cabeças!

O vento, raivoso, arrastava no seu rodopio sibilante as florinhas innocentes e puras...

Entre teus carinhosos braços eu contava estrellas...

Prescrutei com meu ardente olhar todo o firmamento e não encontrei, para contar, senão dez!...

Perguntaste-me ancioso: Dez? e as outras duas?

Desolada e triste por ver sossobrar a esperança do nosso desejo, baixei os meus olhos humidos de pranto e encontrei os teus, fundos, febris, brilhando de fé e de paixão...

Então, — oh! mysterios do amor! — eu vi, faiscante de belleza e refulgentes de brilho, a illuminarem a noite de tristeza que envolvia teu rosto, as duas estrellas incandescentes e eternas que vivem a vagar nas orbitas de teus olhos! Num phrenesi de paixão murmurei, baixinho, unindo os meus aos teus labios sequiosos, em um beijo longo, fervido e apaixonado: as outras duas estrellas, meu querido amante, são teus olhos, teus lindos olhos castanhos, poderosos luzeiros de fé, de esperança e de amor!

Nessa hora, talvez invejosa do nosso goso inaudíto, a lua, a immortal sentinella do infinito, a lanterna enorme de que se serve Deus no seus passeios nocturnos pelos invios caminhos de abobada escura, rompendo o denso nevoeiro, fluctuou esplendida por cima de nós...

Uma restea de sua luz, tocando em nossos corpos unidos, maculou a solidão feliz em que estavamos e... accordou-me...

Não és tú, sonho apetecido, a vespera da realidade?

DORALICESINHA.

NO proximo numero publicaremos uma marcha patriotica, musica e canto de autoria da illustre e conhecida educadora mme. Adelina De Saint Brisson.

Por absoluta falta de espaço deixamos de publicar neste numero as photographias da encantadora festa realizada no dia de Natal, pelo Club 24 de Maio, o que faremos no proximo numero.

Recebemos o tango «Saude e... dinheiro» composição da Viuva Guerreiro. Agradecidos.

Fraqueza humana perante Deus

> L'homme n'est qu'un roseau le plus faible de la nature ; mais c'est un roseau pensant.
>
> Il ne faut pas que l'univers entier s'arme pour l'ecraser.
>
> Une vapeur, une goutte d'eau suffit pour le tuer.
>
> Mais quand l'univers l'écraserait l'homme serait encore plus noble que ce qui le tue parce qu'il sait qu'il meurt ; et l'avantage que l'univers a sur lui, l'univers n'en sait rien.
>
> «Philosophie Pratique» — Pascal

ENTE soberano e mais perfeito da creação, possues um cerebro que concebe sonhos de arte, de poesia e de sciencia, um espirito que pensa, e aspira ideaes.

Uma alma que ama, sente e vibra, esta creação delicada e sensivel — o coração, onde todos os sentimentos abrigam-se e impellem para o bem ou para o mal, inspiram amôr ou odio e todas as paixões terrenas.

Sêr a quem Deus concedeu tantos favores dando-lhe a intelligencia, o raciocinio, a liberdade de suas acções, a vontade, mas o homem não comprehendeu tantos beneficios. A liberdade de agir conforme lhe apraz quantas vezes emprega-a mal, e commette erros não obstante a consciencia accusal-o chamando-o ao bem.

A faculdade de pensar, de discernir o bem do mal, o cerebro sensivel a todas as impressões, o dom da percepção, o coração que sabe amar e cantar na poesia a belleza do céo, o encanto das florestas, o murmurio do oceano.

Mas o homem não contente com estas faculdades que Deus lhe concedeu para impregal-as, amando a natureza, o firmamento, o mar, as constellações, estas bellas concepções da grandiosa, sublime, incomparavel e magnifica creação, deste espirito perfeitissimo, que é Deus.

Mas o homem é vaidoso, orgulhoso quer ser mais soberano do que Deus lhe creou.

Ousa as vezes duvidar do proprio testemunho a que seu seus olhos se apresenta confirmando, attestando a existencia de um ente superior a elle, dum sêr creador, dessa concepção grandiosa, o universo.

Como dizia Victor Hugo:

«O homem— essa enfermidade, essa sombra, esse atomo, esse grão de areia, essa gotta de agua sahida dos olhos do destino; o homem — humilde verme da terra — quer destruir as obras de Deus e impugnar a religião que elle regou com o seu sangue, que elle sellou com a sua morte e a qual promette a sua existencia! Miseria das miserias!»

O homem quer sondar o infinito, pela sciencia estudar o vegetal que germina dum pequenino grão, a planta que brota na floresta invia.

Bosques espessos onde escassamente penetra dourada Phebo, não descerra-se a menor nesga do setineo céo turqueza, o solo coberto do verde bello, magestoso com que o Sêr Supremo, o artista admiravel, coloriu o prado, a montanha e para embellezar ainda mais estes mantos verdes, matisou-os com flôres de ouro, prata, multicores nuances delicadas e suaves.

Borboletas aligeras, umas com matizes dourados parecendo que de Helios tiraram a côr, outras tão azulinas quanto este fluido ethereo turqueza, o céo, sugando o delicado alimento que a meiga flôr lhes offerece.

«Considerez avec quel art sont composées les quatres ailes dont il vole, la régularité des écailles qui le recouvrent comme des plumes, la varieté de leurs teintes brillantes, les six pattes armées de griffes avec lesquelles il résiste aux vents dans son repos, la trompe roulée dont il pompe sa nourriture au sein des fleurs, les antennes, organes exquis du toucher, qui couronnent sa tête et le réseau admirable d'yex dont elles est entourée, au nombre de plus de douzemille»

Bernardin de Saint Pierre. (Harmonies de la nature).

O colibrì, joia da natureza, formosa concepção da creação mimosa aládo osculando o pequenino jasmin como languido lyrio dos valles.

«De tous les êtres animés voici le plus élégant pour la forme, et le plus brillant pour les couleures», disse Buffon.

Que sublimidade grandiosa, que incomparave harmonia desde os menores sêres no dominio da zoologia e do reino vegetal aos aspectos mais soberbos da natureza prodiga que não cessa em deslumbrar o homem que perturba-se ante tantas maravilhas.

Differentes panoramas, em cada folha deste livro incomparavel da natureza, fonte inexhaurivel de vida que o homem folhea descobrindo sempre diversos coloridos, immensuraveis variedades de todas as especies nos tres grandes reinos Zoologia, Botanica e Mineralogia, novas surprezas confundindo-se ante a presumpção que tinha de sua sciencia e sente-se mesquinho de sua pequenez perante Deus.

Ora o céo incomparavel saphira etherea, dourada pelo sol incandescente, trazendo em seus raios flammejantes que dardejam sobre nosso minusculo planeta a vida, a força, a alegria.

Ora a belleza primaveril desse setineo manto diaphano e transparente de luz envolvendo a alma numa suavidade e ternura.

Tambem com as côres mais bellas Deus, o artista grandioso, tingio esta tela saphirica, com flocos da brancura de neve, onde vapores roseos e rubros coloram o horizonte, ao preludiar da aurora, quando o

radioso e fulgurante Apollo annuncia-se atravez a ampla cortina de fogo e ergue se magestoso em seu brilho ardente descerrando sanguineo, espesso véo que encobre a dubia penumbra d'alva e dessipa as derradeiras sombras da noite, incendiando o horizonte em ondas de purpura, dourando o espaço infinito e espalhando nos reconditos mais obscuros da terra sua luz abrazadora.

Leva a germinação á semente haurindo a delicada corolla da flôr, absorvendo perolas da aurora nella depositadas, despertando o insecto, o verme que procurava aquelle leito perfumado, delicado para abrigar-se das trevas da noite.

Seu setineo berço balouça-se brandamente em fragil haste impellido pela suave brisa matinal.

Vós, ó homem, sois tão orgulhoso que ao contempiardes estas magnificencias, grandioso attestado sublime de Deus, não agradeceis têr-vos concedido tantas maravilhas, ousais, mesquinha creatura, duvidar da existencia do Artista do universo ?

Como minha alma sente-se pequenina contemplando os diversos e variados aspectos que a natureza offerece á humanidade, provando vossa incontestavel existencia.

Quanto mais diversos, quanto mais bellos ou atemorisadores elles se nos apresentam, tanto mais considero a pequenez do homem perante Deus.

Que contraste da apotheose da aurora, no firmamento á tarde ; que ternura, que enlevo e placidez envolve a alma ao agonisar de Phebo !

A atmosphera impregnada de aromas subtis, suave que exhalam as flores somente esta branda tranquillidade é interrompida pela brisa que passa,

Em cada coração a inspiração dum poema, hymno ou verso eleva-se ao melancolico crepusculo, o céo veste-se com frócos de gazes multicores, roseo véo encobre o ethereo azul tono opalino, effluvios de diversas nuances tingem esse formoso céo na agonia de Helios ; que belleza e poesia incomparavel, como evoca a saudade, como é lindo e bello o derradeiro momento do dia !

Deus soberano autor destas maravilhas sustem ao poente, no horizonte rubro, o astro dourado do dia que desapparece agonisante nas languidas e derradeiras nuvens crepusculares.

Do lado opposto ao occidente, faz surgir por entre reflexos de prata, a rainha das trevas numa alvura immaculada, reclinada em seu leito de negro velludo, cercada por milhares de fragmentos... prateados.

MANIFESTAÇÃO AO DR. NILO PEÇANHA

Commissão promotora da grande manifestação ao dr. Nilo Peçanha, a realizar-se hoje 1º de janeiro
De pé: José Montalione, Adalberto Trindade, Orlandino Porto Brazil e Godofredo d'Almeida Peçanha; sentados: L. José de Mattos e Orlando Soares de Carvalho, presidente da commissão

A amante dos poetas e do oceano reflecte-se derrama sua luz, acaricia arvores gigantescas, penetra por entre os floridos rosaes, reflecte-se na perfumada rosa, na mimosa violeta, no languido lyrio em suas alvas petalas prateando-as mais, na rencondita parasita ou tingindo em salpicos de prata as rubras gardenias.

Deus como sois infinitamente bom concedendonos tantos encantos e prazeres!

Esta magnificencia que surprehende o homem, no silencio da noite, estes coloridos prateados sobre o ebano da tela do firmamento, onde o Artista Supremo lançou um traço mais accentuado—a via-lactea, reunião de muitas constellações.

Estes milhares e milhares de mundos suspensos no infinito sideral num prodigioso eterno giro, constellações, sóes, nebulosas, planetas satellites, cometas, meteoros, aerolhitos; que deslumbrante harmonia nesta profusão de astros! E' na contemplação do infinito que o espirito humano confunde-se, perturba-se e sente-se pequeno.

Desce de seu throno ficticio e ridiculo de orgulho e de vaidade, da sua debil sabedoria, extasiado na meditação do incognoscivel, vencido pela fraqueza humana ante os grandiosos attestados de Deus!

«La première chose qui s'offre à l'homme, quand il se regarde, c'est son corps, c'este-à-dire, une certaine portion de matière qui lui propre. Mais, pour comprendre ce qu'elle est, il faut qu'il la compare avec tout ce qui est au-dessous, afin de reconnaître ce justes bornes».

. . . .

O oceano abysmo de arcanos insondaveis que em vão se tenta prescustar possuindo uma flóra e fauna riquissimas, valiosos thesouros que offerecem ao homem, animaes de variadas especies, cetaceos gigantescos: a baleia, o narval, até o pequeno polypo, echinodermas, madreporas e o coral.

Os protozoarios e protobios corpusculos tão minusculos com caracteres pouco accentuados, que ainda a sciencia não pôde designar o reino a que pertencem, se ao animal ou vegetal a este pequenino grupo que Hæckel deu o nome de «reino neutro dos Protistas».

«Conçoit-on ce que serait une scène de la nature, si elle atait abandonnée au seul mouvement de la matière? Les nuages obéissant aux lois de la pesanteur, tomberaient perpendiculairement sur la terre, ou monteraient en pyramides dans les airs; l'instant d'après, l'atmosphère serait trop épaisse ou trop raréfiée pour les organes de la respiration».

Assim nos diz Chateaubriand provando a fraqueza humana perante a immensidade do poder de Deus.

Quanto mais contemplamos a sublimidade da natureza, tanto mais encontramos evidentes e indiscutiveis provas da existencia de um sêr Creador e nosso espirito não pode conceber que uma debil creatura humana possa um só instante demorar seu espirito na duvida da incontestavel existencia de Deus.

Rio, 25 de dezembro de 1914.

AIDA RAMOS

Reminiscencia do Natal

NAS casas das montanhas, cheias de luz e de alegria, os pequerruchos esperam anciosamente, a hora de recolherem-se ao leito, para, depois de sonhos roseos e innocentes, acordarem e avistarem em suas chinellas o presente que pápá Noel lhes trouxe.

Os camponezes, ao som da fanfarra e de palmas, dansam a Tyroliana. Rusticos rapazes, mas divertidos, burlescos, sobraçam as robustas jovens que fazem parte do saráu e depois de fatigados pela dansa, trocam beijos ardentes. Em meio de toda aquella alegria, o vinho some-se como se mil Bachos lá estivessem.

Para as creanças ha o bondoso pá-pá Noel, o velhinho de barbas de prata undosa que entre as enormes pinheiros, sobre a alva nevoa, vae de choupana em choupana, destribuir doces e brinquedos ás creanças pobres.

Naquellas casinhas de pinho, uma aqui, outra acolá, na encosta dos gigantescos Alpes, todo coberto por uma camada jaspica de neve, naquellas casinhas jacobinas, a luz (coada) embora forte no interior, não tresmalha a claridade para o invio campo, mais que nos raios frouxos como os do sol, no crepusculo. Milhares de flócos de neve, cahem do Olimpo, cobrindo as arvores e formando figuras exquisitas. Sol occulto, céo pardacento, nublado. Alguns camponeos dos mais pacatos, acham-se ao pé da lareira, tendo no rosto o reflexo de bronze polido, revivendo os tempos idos e contando historias aos netos, que incansaveis insistem sempre por outra nova. Quando se approxima a hora santa e que alguns gallos começam a annunciar o Senhor, termina a festança, e, joviaes, dirigem-se os camponeos á capella, a ouvirem a missa do gallo.

A humanidade vence a natureza, porque naquelles sitios quasi ermos, onde não ha sol, lua, nem estrellas a scintilarem; onde não ha flores e os passaros são raros. devido á intensidade do inverno, os aldeões espalham a alegria, e fazem brilhar embora frouxa a luz dos candieiros. A sala do festim é o céo e as estrellas, os ceruleos olhinhos micantes dos aldeões.

Rio—18—11—914.

MARIA LA'FALCE.

OS PRESENTES DOS MAGOS

Eis o Messias numa estrebaria
Adorado por Magos reverentes,
Que trouxeram riquissimos presentes
Destinados ao filho de Maria.

Ouro fino, preciosa pedraria,
Perfumes delicados, redolentes,
Incenso, myrrha, joias refulgentes,
Deram tudo a Jesus, naquelle dia.

Coitado de Jesus! nasceu tão pobre
Que, nem siquer, uma camisa cobre
O seu corpo rosado e pequenino!

Melhor fôra que, em vez desses valores,
Esses Magos trouxessem: babadores,
Camisas, cueiros, para o Deus Menino . . .

RENATO LACERDA.

Dezembro, 1914.

DESEJOS

A' Odette.

Muito modesto o meu ideal; apenas
um tugurio entre brancas trepadeiras,
tres canteirinhos para as açucenas
e outros tantos, tambem, para as roseiras.

Um lago e um par de cysnes de alvas pennas,
um viveiro p'ras aves cantadeiras,
o teu violino e as minhas cantilenas
para os nossos serões sob as mangueiras.

Tudo bem limpo, posto que, modesto,
sem o aparato futil que decépa
a paz honesta do viver honesto.

E para nos livrar da soledade,
um pimpolho levado da carepa,
para atiçar a nossa actividade...

Bittencourt de Sá.

Ao Bittencourt de Sá.

... Eu, cá por mim, não quero tanto; apenas
o tugurio entre as brancas trepadeiras ..
Do jardim dispensava as açucenas
desde que lá ficassem as roseiras.

E nem lago e nem cysnes d'alvas pennas...
... cysnes são nossas almas altaneiras...
Somente o meu violino e as cantilenas,
para os serões á sombra das mangueiras.

Quanto aos haveres, tudo bem modesto;
tambem sou contra o luxo que decépa
a calma habitual de um lar honesto.

Concordo para a nossa soledade,
o pimpolho levado da carépa
para instigar a nossa actividade...

Odette Barros.

Noite das minhas Saudades

QUANDO me encontro com a noite de Natal, sinto que minha alma se transporta lacrimosa aos tempos inesquecidos da infancia, a essa phase em que a alegria brota espontanea, facil e encantadora, porque só podemos ser verdadeiramente alegres respirando a atmosphera moral da familia.

A noite do Natal é para mim a rememoração perenne dos dias da minha maior expansão, d'essa expansão franca e doidamente infantil que experimentei, quando era creança e tinha uma alma meiga e docil, coração affeito aos encantos de todas as caricias, alma e coração de creança.

Separada pelo tempo, a noite de Natal da minha infancia se apagou e desappareceu: d'ella não me resta hoje nem um tom sombrio, nem nada que m'a traga á memoria sem essas catadupas do pranto, que eu tenho necessidade de derramar, para suavisar a dôr de uma Saudade, que me acompanha como uma sombra.

A noite de Natal de hoje tem para mim esse lado triste afflictivo e acabrunhador, porque me leva a pensar no Natal de minha terra, no lar paterno, naquelle céo constellado, no convivio das pessoas amigas entre as quaes na la sentia que não fosse o carinho mais affectuoso que os meus poucos annos recolheram para despertarem agora nesta transformação cruenta de uma evocação do passado.

Quem tiver um coração capaz de sentir os effeitos de recordação, assim tão sentidamente amarga e inquietadora, avaliará talvez quanto me punge o soffrer esta approximação da noite de Natal.

Hoje que os annos se amontoaram, e a vida me mantem em outro plano, deixarei morrer a lembrança d'aquella noite de Natal. Deixarei, sim, porque tambem deixei que morressem os meus ideaes, morressem as minhas esperanças.

O que não é possivel que se me apague da lembrança é essa figura compassiva e amiga, generosa e boa, figura de minha mãe em cujo collo me acalentei, dormi e sonhei ... nas noites de Natal de minha terra!

Nem me foge tambem a lembrança consoladora de meu pae, o varão santo, que foi o melhor amigo que tive.

. . . .

Vae, noite saudosa de Natal; recolhe-te á urna do passado e deixa-me socegada a alma adoentada, que ora se abysma em funda saudade.

L. DE ASSIS.

Diante de um leque de sellos

A' Carlota Lago

I

Sente-se logo, ao abrir, uma impressão estranha.
Salta vivido aroma
Do leque, que nos prende e, subito nos toma
Alma que, ao seu poder, se enleva e logo assanha
O coração que vibra.
O homem suspenso está dessa aromal corrente,
Nella, preso, se libra
E suppõe-se a sonhar co'alguma cousa ausente.
E o perfume subtil vae-se entranhando como
Um som que nalma acorda
Um sentimento novo e tange, corda a corda,
A lyra que modula em nós, em leve assomo.
E mais a mais se abrindo
O curioso leque, eis surge um mundo aberto
A' vista. Olha-se e vê-se abaixo logo um lindo
E feiticeiro nome, engastado de certo
Pela graciosa dona ; um nome só sem distico,
Em relevo, imitando um lindo chromo artistico.
Abre-se todo o leque, eis as nações. Que pasmo !
Ao lado da Allemanha está pousada a França,
Estreitando-se bem, cheias de enthusiasmo,
Pelo mago poder das mãos de uma creança.
O que um dia pensara o rabido guerreiro,
Em seu furor de hyena,
Lançando um fulvo olhar pelo Universo inteiro,
Ella, na paz serena
De sua alma, temendo a guerra, a luta ingloria,
Talvez sem conhecer um topico da historia,
Um facto, despresando
O guerreiro incruento e rindo ao bem, sonhando
Talvez em seus amores,
Realisou tão bem, com tanto esmero e arte,
E deu-lhe taes lavores,
Tal collorido e tanto
Atticismo, cuidado e mimo em cada parte,
Que se pensa ao abrir, com verdadeiro espanto,
Ver surgir Bonaparte.
Começa a abrir-se o leque, uma nação aponta,
Mais outra, inda outra mais, e quanto mais se pensa
Ver surgir, surgem mais, innumeras, sem conta,
Nos arcos divisores
Como uma mancha extensa
De multiplices cores

II

Surge o Brazil, com elle a côr serena e agreste
Das montanhas, do campo e do céo sempre azul,
De que se orna e reveste
A maga natureza esplendida do sul.
Despontam do seu seio innumeras florestas,
Dum verde encantador,
Onde, as arv'res se unindo, enroscam-se as giestas
E as irideas am flor
A suave fragrancia exhalam no ambiente.
Onde ao cantar de uma ave, outro cantar responde
E vive occulta á noite a trepida serpente
D'arv're na basta fronde.
Nas montanhas azues que o olhar divulga além,
Em magestosa pompa,
Como que se ouve sempre o caçador que vem
Ferindo a cava trompa.
E escuta-se, enlevado, o sabiá da matta
Cantando, ao serpejar monotono do rio,
Confundindo o seu canto ao som de uma cascata,
Da branda viração ao languido cicio,
Onde hoje inda se occulta o indio foragido,
Lembrando os seus avós
E de ermo em ermo foge em rabido alarido
De vingadora voz.
Miserrimo ! talvez blaspheme o proprio irmão,
Na rispida pocema
Que esqueceu para sempre a lucida visão
Dos sonhos de Moema.
A taba que tão grande e portentosa fôra
Hoje é deserta e muda...
Embalde os montes fere a inubia clamadora,
Não ha quem mais acuda.
E agora nos sertões, erratico, vagueia,
Transpondo o valle e o rio ;
Foge, se acaso vê uma deserta aldeia,
Como animal bravio.
Ouve-se ao longe um echo, uma cantiga, os sons
Dum cantico. E' talvez das aves o gorgeio
Ou talvez o ruido alegre dos sertões
No seu tão bello enleio.
Mas cresce a voz, parece aos céos subir, já vem
Tomando o monte, o valle, a planura, os desertos.
Quem é ? E' o Brazil que ás mãos a lyra tem
Da liberdade e canta o hymno dos libertos.
Brazil livre, a cantar a epopéa ridente
Da liberdade, hasteando o pavilhão sagrado
Do Cruzeiro do Sul grande e resplandecente
Por um campo azulado.
E' o Brazil que há muito o grande heróe mineiro
Defendeu, dando a vida em plena praça publica
Pela ambição de o ver livre do captiveiro
E entregue ao grande ideal radiante da Republica !
O Brazil de Feijó, a patria dos Andradas,
Dessa familia illustre em cuja mente accesa
Inda tu, patriotismo augusto, sobrenadas
Em ondas de talento, em linhas de puresa.
Patria desse bom velho, o segundo monarcha
Cujo nome ficou sendo d'honra o luzeiro ;
Memoria augusta que hoje inda a grandeza marca
Dos que sabem honrar o nome brazileiro.
E' o bello Brazil que Benjamin Constant,
Cuja memoria augusta eu de joelhos lembro,
Fez brilhar livre e grande ao sol dessa manhã
De 15 de novembro !

III

Eis Portugal, o prisco e velho continente,
Que dos fastos de outr'ora entre as recordações,
Chora e lamenta em dor as cousas do presente.
Portugal de Camões,
Nelle revendo todo o seu passado augusto.
No seu poema vendo em lettras d'ouro escripto,
A sua justa gloria e o seu renome justo.
Portugal a sonhar esse louro bemdito
Que lhe cingiu a fronte em éra de grandeza,
Quando levara ao mundo o nome seu radiante
Ante o grande esplendor da antiga realeza.
Inda a sonhar talvez que o carro leva avante

Das conquistas reaes, feitas por seus heróes,
Nessa luta travada á luz de clima estranho,
A' luz de estranhos sóes.
E nesse ardor tamanho
Das lembranças que tem do seu passado, olha
Para a aureola que cinge e para a invicta fama
De seus filhos e vê gravada em cada folha
De sua historia um nome: Affonso Henriques, Gama.
Gil Vicente, Camões, Magalhães, que sei eu?
D João de Castro, o bom, Albuquerqne, Rezende
E tu, ó nauta audaz, grande Bartholomeu!
Miranda... a cada nome um nome novo ascende.
Eis Pombal, o terror da padraria ociosa.
Da corja de roupeta;
Eis Bocage, o poeta,
Que em versos d'ouro tange a lyra harmoniosa.
Portugal sonha ainda: é Garrett que procura,
No proprio exilio, erguer o nome portuguez.
Vêde esse outro quem é? notai-lhe a compostura
Nobre, altiva. Que dor profunda e grande o fez
Na sua propria terra exilar-se? Quem sabe?
Ninguem melhor do que elle a patria soube amar,
O que por ella fez nestes versos não cabe,
Diga quem o souber com rectidão julgar.
Quando reler um dia o povo luzitano
Dos grandes filhos seus a immorredoura historia,
Ha de ver, deslumbrado, o vulto de Herculano
Junto a Camões, erguendo o seu padrão de gloria.
Vêde este morto illustre, este outro nobre filho,
Morto tambem por terra, inda outro mais sem vida,
Olhae bem: é Castilho.
E' Latino Coelho; orae, é um suicida!
E como um foco immenso, um rutilo pharol
Posto á entrada da Patria, a recordar-lhe os sonhos,
Dos dias mais risonhos
Do passado que fôra uma era triumphal,
A dar para o futuro e a illuminar-lhe a senda,
Como um marco estellar, uma constellação.
De Junqueiro desponta a figura estupenda,
Com seus cantos fazendo a gloria da nação.
E em cada qual luziu, no cerebro em fervor,
Mais talento, mais vida e muito patrio amor.
Ergue-te, Portugal, que temes tu? Que importa
Que o predominio inglez queira vergar-te ao jugo
De um tyranno? Não és uma nação já morta,
Aos pés de atro verdugo,
Pois soubeste mostrar, ao pé de teus irmãos,
Que eras pequeno, sim, porém que era mister
Não ficares jungido às criminosas mãos
De um pirata qualquer.

IV

A França, cuja força o mundo inteiro accusa,
Que as aguas do saber lança por toda a terra,
Qual trepida Arethusa,
Grande, invicta na paz, inda maior na guerra,
Aponta agora e, dentre essas nações, enorme,
Eleva a fronte augusta
E scisma. E' um gigante acorrentado. Dorme
Ao peso dos grilhões — os reis. Quanto lhe custa,
Supportar-lhes o horror, toda a cegueira insana!...
Mas sonha e canta e, como o Protheu fabuloso,
E' livre e, encarniçada, o feudalismo esgana,
Em desvairado goso.
Livre, canta a odysséa e, como fado adverso,
Nos seus cantos ha sangue, ha lagrimas em bando,
Prantos em cada verso.
Em sua voz se sente alguem que está chorando.
Torvo prenuncio certo e rapido da queda
Nos canticos se ostenta.
Cae e no baque vê-se um mundo que se arreda
Para deixar passar a rábida tormenta.
França escrava de novo,
Um cadaver talvez. De leve apenas move
A cabeça, encarando o filho, ingrato povo
E tombando outra vez. Mas eis oitenta e nove
Surge, trazendo ao alto
O estandarte do bem banhado todo em luz,
Indo de salto em salto
Pela historia iriando as paginas á flux.
O povo chama á luta e combate com elle,
O mundo maravilha
Com sua força herculea. Ai! misero daquelle
Que a não seguir na pugna! Arroja-se a Bastilha
Ao chão e segue avante.
O povo a segue e grita, indomito: — Farei
Comtigo a luta! E, como um vingador gigante,
Curva a fronte de um rei
E mata-o. Nesse instante a França é livre e sonha
Junto á democracia.
Passa por sua frente uma visão medonha
Que a toca. E França tomba inanimada e fria.
Um rei de novo a toma,
Fal-a de novo escrava. E ella, que um rei mata,
Vê-se, qual outra Roma,
Sob o dominio atroz de um Cezar autocrata.
E da baixesa á gloria e da grandesa ao crime,
Esta nação que lembro,
Das nações a maior, mais bella e mais sublime,
Teve o seu tres de Maio e o quatro de Setembro.
Bonaparte e Thiers — o genio da batalha
Ligado ao da tribuna.
Aquelle ambicioso e despota, trabalha
Em nome da oppressão e este no da fortuna
Do povo que o idolatra e por quem tanto fez,
Ambos tendo p'ra gloria um coração francez.
França postada está, qual fulgido luzeiro,
Entre as nações que guia.
E com a luz que derrama aclara o mundo inteiro,
Como se fosse a esphera em que se occulta o dia.
Mas apezar da luz que á larga fronte encerra,
Ella sente no seio a treva de Sedan,
E parece que vê voltada toda a terra,
Da vindicta esperando a esplendida manhã.
Toda a Europa, com pasmo, encara em ira accessa,
Esta nação tamanha,
Que sob os pés calcou a antiga realesa,
E contra ella, odienta, o seu rancor assanha.
'stá como um desterrado entre inimigos posto,
E, sentindo-se só, altêa-se gigante,
E não lhes vira o rosto
Nem os teme um instante.
França heroica e viril, nessa luta titanica
Em que buscas vingar a affronta recebida,
Ceve-se embora em ti a cólera germanica,
Has de sempre ascender, bella tyrannicida!
França, si inda algum dia o fado desabrido
Quizer acorrentar-te ás mãos de outro verdugo,
Morre, sem te curvar! Basta tu teres sido
Berço de Mirabeau, berço de Victor Hugo!

V

Agora, Italia, a grande e primitiva esposa
Dos bellicos romanos,
Dos Gracchos varonis, dos Cezares tyrannos,
Bem no centro do leque o pé de leve pousa.
Testemunha ocular indifferente a quantas
Guerras de odio e de sangue,
Lutas e dissenções barbaricas e santas
Feriram-se no exangue
Peito seu: invasões de barbaros, guerrilhas
Intestinas, crueis; combates feros, choques
D'armas de irmãos sem fim; pelejas doudas, filhas
De frivolos remoques
Muitas vezes. Em tudo, a Italia antiga e nobre,
Dividida em nações, impavida e serena,
De tradições se cobre.
Inda vê ampla a arena
Do dominio de outr'ora, a engrandecer-lhe a alma.
Della surge Veneza, a patria dos amores
Com seus lagos azues dagua serena e calma,
Onde vagam á noite, em gondolas ligeiras,
Os bellos trovadores,
Entoando canções e langues *preghieras*;

Onde o Lord entoara as scepticas endeixas,
Repousando a cabeça,
Para ouvir-lhe as canções de amor e as ternas queixas,
No regaço taful da pallida condessa.
Veneza, a magestosa esposa do Adriatico,
Seus castellos ducaes, palacios, ilhas, pontes,
Ostenta ao olhar extactico
Como um lindo painel em fundos horisontes.
Soberbos torreões alçam-se, bysantinos
Minaretes, canaes, igrejas, edificios
Despontando á flor dagua, esplendidos, divinos,
Quaes palacios ficticios.
Inda mostra o esplendor dos doges soberanos
E das lides de outr'ora,
Quando dominadora
Nesses plainos sem fim dos vastos oceanos.
O palacio ducal com suas obras d'arte
E tetricas masmorras.
A Basilica enorme, onde por toda a parte
Vê-se o fulgor de um genio. Embora, olhar, tu corras
Tudo, o jardim em que os passaros arrulham,
Como uma ilha encantada,
Em cujo seio os sóes radiações fagulham,
Tudo, parece a ti que inda não viste nada.
Vês? A's margens do Arno adorna-se Florença
Numa planicie immensa,
Coberta de museus, palacios galerias,
Bibliothecas, jardins, onde repousa tudo
Quanto n'arte se póde haver em nossos dias.
Maravilhado e mudo,
O homem encara e pensa, a duvidar talvez,
Si existe o panorama explendido e sublime
Que o circumda, a fulgir desde a cabeça aos pés,
E que si não exprime!
Em cada sala um mundo a vista abrange, iriado.
Olha-se um tecto, um céo aberto surge e brilha...
Mundos de cada lado,
Exelsa maravilha!
Florença, habitação dos Médicis fataes,
Berço de Brunelleschi e bérço de Cellini,
De Dante e de Petrarcha, esplendidos rivaes!
De Vespucio e de Giotto e de Guisciardini,
Angelo e Galileu, Boccacio e Donatello,
Grandes genios do bello!
Em cada praça um grito escuta-se aterrado.
Tilinta a gargalheira.
Vê-se Savanarola, o olhar p'ra o céo voltado,
A verberar os maus de cima da fogueira.
E Napoles gentil, cercada de collinas,
Surge, encarando o golpho abrilhantado de ilhas,
Com seus tópes reaes de fórmas bysantinas.
A dôze ou treze milhas
O Vesuvio destaca a lobrega cratera,
Onde encontrara a morte, indomito, atrevido,
Aquelle que entre nós mais destemido era
E que devera ser o nome mais querido.
E quasi junto á lava accessa e assoladora,
Vê-se a Patria, onde outr'ora o Tasso enamorado
Vivera a endeusar a bella Eleonora,
Seu ideal amado.
Napoles, a sorrir, Parthenope apresenta
Nos castellos feudaes, nas praças e nas grutas,
Nos palacios, museus, nas concentradas lutas
Que arte inda ahoje ostenta.
Napoles, onde outr'ora, entre visões e sonhos,
Graziella passara, a rir ao bem-amado,
Os dias mais risonhos
De todo o seu passado.
Onde vira crescer, em horas de amargura,
A grande immensa dor que ao tumulo a levara,
Nessa ausencia fatal que o coração tortura,
Daquelle a quem amara.
Inda hoje do teu golpho, ó Napoles, as mansas
Ondas, a soluçar, á brisa contarão
Todas as esperanças
Mortas daquelle morto e grande coração.
Roma, a cidade eterna e *intangibile*, tendo
Por scismas o passado,
Doces sonhos de azul, recordações revendo
Em cada objecto amado.
Guardadora fiel de innumeras lembranças
De seus heroes, aponta agora e surge a medo,
Banhada pelo Tibre em suas ondas mansas.
Um pallido arremedo
Da Roma varonil dos cezares e papas.
A's vezes inda a envolve uma tristeza immensa,
Parece que inda pensa
Na sombria expressão dos tumulos e lapas.
Fala-lhe o Collyseu, o Capitolio fala,
Escuta o Quirinal, o Vaticano escuta,
E ouvindo, attenta, cala
A dilatada dôr dessas visões de luta.
Tudo lhe grita e fala á portentosa scena
Que no mundo exhibiu entre o clamor unanime
Das nações, entre as quaes se julga um corpo exanime,
Se julga tão pequena.
A terra de Colombo, a Genova soberba,
No fundo de seu golpho, adormecida e posta,
Surge, na magoa acerba
Do tempo que fugiu, em dura e rija encosta
De uma montanha enorme.
Verona, docemente enlanguecida, dorme
Sobre as margens do Adige. Em seu regaço pulchro
Recebeu Julieta, o languido jasmin,
E deu-lhe por sepulchro
Talvez o mais ideal, poetico jardim.
Como que se ouvem inda, ao perpassar da aragem,
Por sobre a ramaria,
Os derradeiros sons da divina linguagem
Desse ultimo *adeus* com que se despedia,
Emquanto na folhagem
Cantava a cotovia!
Italia, pois, mostrando os seus heroes queridos,
Patria de Vince, Sanzio e de Corregio e tantos
Outros, Manzoni, Rici e Garibaldi e quantos
Hão despontado d'arte ao Capitolio erguidos,
Como em faustosas bodas,
Desponta bem no centro, illuminando todas.

VI

Desponta Hespanha agora, Iberia de outros tempos,
Dominio musulmano,
Com suas lutas vis, combates, contratempos,
Suas guerras sem fim de tyranno em tyranno.
Terra do khalifado omnymoda e feroz,
Escrava de Alarico, esposa de Pelagio,
Sujeita á rude voz
De um Roma um dia. Morta ao lobrego contagio
Dos padres imbecis, sacrilegos e crús,
Iguaes a Torquemada
E feros como o foi o scelerado Arbues.
Sublime devotada,
Idolatra de Islam,
Vergada aos pés da cruz.
De Felippe segundo humilima vassala,
Quasi que barregan.
Quer o mundo vencer,
Lança mão de um algoz, a Inquisição, e fal-a
Despertar desse sonho — o universal poder.
Tambem tu, Carlos V, imaginaste um dia
Fazer do mundo inteiro
Uma só monarchia,
Sendo tu o pharol, o fulgido luzeiro,
Que aos dias do futuro em glorias a traria.
Mas o destino achou o teu prestigio pouco,
Zombou do sonho teu, era utopia o invento,
E por isso atirou-te á cella de um convento
Onde morreste como um verdadeiro louco.
E' que em teu seio, Hespanha, os teus filhos patriotas
Lutam até morrer contra o jugo estrangeiro.
Nunca serás de certo uma nação de ilotas,
Surja embora, a rugir, Napoleão Primeiro.
De teu seio rebenta a cidade das rosas,
Cadiz, bella e gentil, terra da liberdade,
Com sua vista enorme e placida bahia,

Onde as moças, sonhando, esbeltas e formosas,
Supplicam que as agrade.
A viração do mar, replecta de poesia,
Sevilha, a capital das realesas godas,
A primitiva Hispal, de ameno e brando clima,
Elevando-se altiva entre as Hespanhas todas,
Com sua Cathedral, que présa e tanto estima,
E o tumulo de Fernando,
O filho de Colombo — o grande genovez,
A cujo egregio mando
Um novo mundo surge e sua gloria fez.
Tarragona viril com suas inscripções
E seu passado grande.
Tumulo dos Scipiões,
Ainda hoje o que foi sombria e triste expande.
Madrid, a capital do reino, idosa e prisca
Romana e pobre aldeia e cidade mourisca.
Patria de Calderon, de Lope e de Quevedo,
Posta em rude planicie.
Sem a sombra siquer de um simples arvoredo,
Como attestando já a profunda canicie;
Com seu grande Museu de celebres pinturas,
Sua *Plaza Mayor*,
Testemunha ocular de tetricas torturas
De innominado horror.
Burgos, antiga côrte, antes de Carlos Quinto,
Dos grandes de Castella, aponta de seu seio,
Apparatoso plintho,
Onde se guarda tudo o que dos mouros veio.
A' tarde, inda o favonio, embalsamado e quente,
Do bello Affonso traz os suspiros de amor;
Ouve-se a soluçar, em voz branda e plangente,
Aos joelhos do amante a bella Leonor.
Que espectro foi aquelle esquálido, hediondo,
Que passou a rugir como uma besta-fera,
Todo cheio de sangue, o rosto decompondo?
Pergunta á Historia, Pedro, ella dirá quem era.
Na treva, a te apontar, has de ver, toda em ira,
Sombra dessa que foi esposa meiga e boa,
Sombra que a todo o olhar um doce affecto inspira,
Porém que te repelle e que te amaldiçôa.
«Assassino! assassino!» ella profere e tu
Sentes que o seu olhar dessa tua alma arranca
Gritos feros de dor... Olha bem, Pedro crû,
Quem passa é d. Branca!
Inda a brisa do monte, em doce murmurio,
Passa branda e serena
Sobre o tumulo sombrio
De Cid e de Ximena.
Em sua doce voz de quérulos rumores
Inda lembra o passado
Dos mais bellos amores
Do bello cavalleiro aventuroso e amado.
Cordova, a terra em que um Séneca, um Lucano
Para as lutas da vida abre as azas e vôa;
Onde um dia viveu o tribunal-tyranno
Que o mundo inteiro inda hoje impreca e amaldiçôa,
A Inquisição tremenda, apodrecida e má,
Mais terrivel na Hespanha.
Do que na Palestina a seita de Abdallah,
Com seu sangrento Deus — o velho da Montanha.
Que o diga a rude voz da mauritana gente
E as fundas agonias
Desses para quem inda um Deus todo clemente
Ha de enviar á terra o esperado Messias.
E as torturas sem nome, os tremendos horrores,
A furia bestial, fanatica e sangrenta,
Que ri como um demonio ante todas as dores,
Da gentalha feroz torva, sanguesedenta.
E esses *autos de fé*, horrenda gargalheira,
Feita de dilações, perjurios arrancados,
Por entre o crepitar de lugubre fogueira,
Aos gemidos de dor dos pobres torturados.
Que pintem mesmo a custo,
Esse horror, cuja idéa a razão allucina,
Praticado por essa igreja *aurea e divina*
Cujo abrigo é um deus *bom compassivo e justo.*
Assoma agora perto a languida Granada,
A flor da Andaluzia

Com a sua longa serra explendida e *Nevada*
Que os olhos extasia,
Ao rubro despontar do bello panorama
Que de seu alcantil descobre se e divisa,
Quando as nuvens em chamma
Coroam do horisonte a dilatada frisa.

Granada em cujo seio os astros mais brilhantes
Fulgem a reflectir nas areias do Darro,
Aureas e fulgurantes,
O brilho seu bizarro.
Onde corre o Xenil por floridas campinas,
Entre cannaviaes
E alteiam-se de Loja as placidas collinas
Por cuja fralda vêm-se os myrthos e os rosaes,
E da gothica janella
De mourisco mirante
Vê-se Alhambra a brilhar, esplendida, radiante,
Como uma grande estrella.
Para o céo sempre azul Alhambra enlanguecida,
Entre as folhagens mostra as cem torres bronzeadas,
Emquanto o almo rumor das fontes prateadas
Vae enchendo de vida,
De echo em echo, a planicie, os valles e os outeiros,
De leve sombreadas
Por escuros alóes e placidos loureiros.

Quantas vezes, sentada, a languida sultana,
Entre o fragrante olor das aleas de nopaes,
Guzla ao collo, a invocar a crença mauritana,
Não pediu p'ra morrer na casa de seus paes!?
Que de lagrimas crueis de saudade e de pena,
Vertidas ao deixar aquellas barbacans
D'onde avistara sempre a grandiosa scena
Do sublime arrebol das mais bellas manhãs!
Dos olendros á sombra, ai! quanta vez o mouro
Não aguardou, tremendo, essa final derrota!?
Que dor profunda ao ver o seu palacio d'ouro
Entregue as brutos mãos de uma gentalha idiota!
E esta doce região que tanto amor encerra,
Patria de tantas lendas,
Já um acervo foi de terra sobre terra
De terremoto vil nas convulsões tremendas.

Terra de Castellar, de Zorrilla e Cervantes
E do bello cantor mimoso de Thereza,
Dos boléros chibantes
E da mais luxuriante e linda natureza,
Tenhas embora tido um dia em teu passado
Do Santo Officio o vulto horrivel e nefando
Embora o despotismo haja uma vez tornado
Os filhos teus de heróes em despresivel *bando*,
Embora tenhas visto os seculos e as eras
Irem passando sem um passo teu adiante,
Pois todo o fanatismo a quem mesmo te deras
P'ra poderes pensar não te dava um instante;
Tu que tiveste aos pés essas nações surgidas
Do esforço varonil de teus valentes nautas
No seio virgem e são das mattas florescidas,
E das tribus incautas
Do vasto e novo mundo, a que tu destes leis;
Tu que já foste grande e forte, quando tinhas
Por vassallos os reis,
Os papas e as rainhas,
Mas que ora te vês fraca empobrecida, exhausta,
Como pobre pyrausta
Que se queima ante a luz das grandes pompas régias,
Das gerações egregias;
Mesmo assim esse tempo em que viste fulgir
O radioso sol de tua liberdade,
Como que te mostrando os dias do porvir
Na immensa claridade,
Ha de voltar em breve, embora no teu seio
De teus filhos o sangue, espadanado, corra,
Para que se conquiste esse tão grande anceio
Que importa que alguem morra?!

Esse sagrado sangue ao coração te custe
Embora, has de vencer. Que importa que se trame
Dos reis na noite densa o tenebroso ajuste?
Republica, has de vir, inda ha muito quem te ame!

VII

Na derradeira dobra o leque esconde e apanha
E nessa dobra encerra
Na sua austeridade a austera Grã-Bretanha,
A grande Inglaterra.
Um capricho de moça, uma lição, quem sabe?
Conseguiu arredar esta nação e tel-a
Das outras longe, a sós, qual desmaiada estrella,
Que entre as outras não cabe.
No escuro vê-se ainda o olhar sinistro e rudo
De Henrique VIII — o crime,
Abro o leque e de todo esta nação desnudo;
E' Ricardo III, o rei que mata e opprime;
Vê-se Izabel tambem, a despota, a tyranna,
Tendo aos pés, a tremer,
Essa Maria a quem a inveja deshumana
Vae fazel-a o horror da forca padecer.
Vem tu tambem, Thiago,
Não és de mais na orgia.
Louco, trata com afago
A tua eterna amante, a louca tyrannia.
Olhae: é Jorge IV, o reio ébrio. A demencia
Junto á orgia tambem a vida lhe consome.
Vêde: é Londres a rir, em meio da opulencia,
Emquanto o povo morre entre o estertor da fome.
E que povo viril é este, dia a dia
A batalhar sem tregoa e sem cansaço, forte
Na propria e longa dor da mais funda agonia,
Esquecendo na luta a dor da propria morte?
Mas vistes fraquear um povo que demanda
Em guerra accesa o ideal de seu redempção?
Como quereis que Irlanda
Não lute contra o horror de sua escravidão?
Patria de Daniel, nessa campanha homerica
Que tu travaste contra um predominio atroz,
Seja embora o teu sonho uma visão chimerica,
A historia ha de dizer-te uma nação de heróes.
Baixesa vil e gloria, orgulho e servilismo,
E' Krowmell vencedor do povo na defesa,
Junto ao algoz de S. Brice, o negro despotismo,
Coberto pelo manto azul da realeza.
E' esse João sem Terra, escravo a todo o instante
Da igreja, expulso um dia e noutro seu vassallo,
Junto á Eduardo I, esse rei triumphante
Que a nação lembra inda hoje e honra-se, ao lembral-o.
Vê-se Byron, o poeta, e Shakspeare, o tragico,
Milton, o cégo e Scott, o romancista egregio,
A Illyade da luz cantando, e, ao côro magico
Das musas, se ouve a voz desse concerto régio.
Ao Principe de Orange
Eis o devido preito:
A britannica historia o nome seu abrange,
Mostrando, ante as nações, dos homens o direito,
A par da actividade, em sua Omnipotencia,
E da força robusta e audaz do inglez sadio,
Surge a molle indolencia
Do *Spleen*, ao desdobrar do céo sempre sombrio.
E em meio tanto horror, tanta riqueza e tanta
Ancia de conquistar terras e predominio,
E emquanto busca ver si curva e se quebranta
Todo o poder estranho, em perfido exterminio,
E tomba e se ergue e marcha o tonto marinheiro,
A esquadra, altiva, mostra a bocca dos canhões,
Ferindo e amedrontando, ao olhar do mundo inteiro,
A todas as nações.

VIII

Vem agora Allemanha,
Trazendo Kant á frente.
Terra que o Rheno banha.
Fausto scisma, a pensar em Shopenhauer descrente.
E Shiller tange a lyra,
Canta *Guilherme Tell* e canta a Patria, emquanto
Hoffman sonha e delira.
Ao fundo está Luthero, adelgaçando o manto,
A mostrar a *Reforma* e seu liberalismo.
Carlos V procura ir ter áquelle fundo,
Illudindo o papismo,
No seu louco ideal de imperador do mundo.
Barboroxa fizera o papa seu vasallo
E dera tal abalo
A' nação, que a augmentou em força e poderio.
Depois Napoleão, o despota arrogante,
O general sombrio,
Poz toda a raça slava ao peso de seu guante.
E fez dos allemães um povo de vencidos.
Mas a historia caminha, a hegemonia impera,
São os povos unidos
Attentamente á espera
Que Molke as ordens dê e que Guilherme marque
As fronteiras do grande imperio de Bismark.
E foi assim que um dia outro Napoleão,
Igualmente traidor,
Mas sem um brilho só do estupendo valor
Do que encarnou em si toda a Revolução,
Viu em ondas crescer essa floresta viva
Que sobre o coração da França se despenha.
De mil golpes o criva,
Fal-o baldão do crime, atira-o a essa brenha
Negra do negro assedio e quando a vêm por terra,
Riem-se os allemães de todo o horror da guerra.

IX

Outras nações ainda. A Russia Cezarista
Com Pedro, o grande, á frente e « Catharina ao lado »
E Alexandre III a rir do Nihilista
E sendo victimado.
Russia da steppe branca e da geleira eterna,
Do chicote a cantar em pleno pelourinho,
Da prisão transformada em tormentoso ninho
De sedentos chacaes que a maldição governa.
Russia barbara e forte, aventureira e rude,
Que dos Montes Uraes até ao rio Amor,
Sem que o progresso humano o seu trajecto mude,
Em bellicosa lide, espalha o negro horror.
A Siberia sombria,
Como mancha cruel de tragicos horrores,
Parece um contra forte
Que o depotismo vil poz alli a seu mando.
Cidadella da morte
Que tantos mil heróes anda sacrificando!
Russia que o Neva banha o e Baltico mitiga,
Que ante o sec'lo da luz, inda seus olhos cerra
A' civilisação, doce alliada amiga
Da barbaria atroz e do clamor da guerra!
Assassina cruel desse povo valente
Que Kosciusko um dia armou contra tyrannos,
Que sonha ha tantos annos
Ser nação outra vez heroica, independente.
Essa Polonia audaz, que, embora fraca e serva,
Sujeito ao jugo atroz do fero moscovita,
Inda aquelle valor de outros tempos conserva,
Que á luta a chama sempre e á victoria a concita.
O' Russia Imperial, talvez não tarde o dia
Em que tombe p'ra sempre a força extraordinaria
Da tua autocracia
Pela justa razão revolucionaria.

X

Despontam mais nações. America do Norte
Mostra a sua grandesa e exhibe o seu valor
Do Novo Mundo, a mais adiantada e forte,
Arrojado condor,
Abrindo pelo mundo as azas colossaes,
Como abrigo ás irmãs, como aviso ás demais.
Surge Hollanda, apparece a terra de Spinozza.
A fria Noruega aponta entre rochedos.
Surge a terra formosa
Onde Antonio sentira os magicos enredos
Daquelle louco amor que o seduziu e fel-o

Guerreiro illustre e forte, estacar do improviso,
Diante da guerra? Não, mas de celeste riso
Que soube fascinal-o e que pôde vencel-o,
Succumbindo, a sonhar, nos braços da Rainha,
Pois só co'aquelle amor — vencido o mundo tinha.
E todas as nações que o leque expunha á vista,
Com todo o seu progresso,
Com suas ambições de gloria e de conquista,
Seus triumphos e seus momentos de insuccesso,
Como que vinham ter alli naquelle espaço
Do pequenino Leque, a cobrir-lhe as varetas,
Como irmãs predilectas,
Para atirar aos pés da moça que as ligara
Naquelle microcosmo, as ovações immensas
Do supremo poder da força que as formára,
Das mais estranhas crenças,
De todo o poderio e todo o seu valor.
Vinham juntos depôr,
Ante um nome modesto, um simples nome obscuro
De mulher que não vê as cousas do futuro
E só sonha talvez em seu amor tranquillo,
Que as reunira alli, como num casto asylo,
P'ra guardal-as talvez como objectos d'arte,
Vinham juntos depôr a grandeza que encerra
O nome que ellas têm valendo em toda a parte,
Mandando em toda a terra,
Aos pés dessa que, alli, delicada e franzina,
Toda amor e bondade,
Ao lado das nações tão fortes, predomina,
Só por ser a visão da fraca humanidade!

RICARDO BARBOSA.

As nossas admiradoras

Stas. Carmozita Lima e Nathalia Menezes, leitoras e admiradoras do *Jornal das Moças* posando especialmente para o nosso jornal

Correspondencia do "Jornal das Moças"

JOÃO BELMONTE — A sua *Carta Aberta* não serve... Damos um pedacinho para regalo de nossos leitores, cito-o:

«Oscular eu queria a semi-circumferencia azul da da esphera, pensei meu barco — O coração — vem deslizando afoito o oceano das esperanças, cortando em pleno sol, as aguas da illusão, só queria minha doce amada ter-te bem aconchegada a mim osculando teus labios cor de coral e feitos de favos de mel».

Isto, não se escreve nem mesmo em carta fechada!

A. I. — O acrostico não está em condicções, foi escripto precipitadamente, talvez em um momento de dôr de... cabeça.

Quem escreve versos como o soneto *Ingratidão* e *Recordações* não perde tempo com acrosticos de pés quebrados.

F. E. MANDARINO — Muito longo o seu trabalho *Civilisação*, para o espaço destinado á collaboração.

G. ROMA. — *A tarde*, só mais tarde.

LUIZ CAUNAROZZO — A sua poesia *Um triste Adeus*, tem alguns defeitos. E' preferivel que o amigo escreva em italiano...

OROMAR CASTILHO — Muito fracos os seus sonetos.

CICERO NORA CARRIJO — O seu soneto *A minha mãe* não está em condicções; precisa retoques.

PERSOUNE — Já temos publicado trabalhos seus e dos que nos mandou ultimamente iremos publicando alguns. Recommendamos a v. ex. que cuide mais um pouco dos seus escriptos, apure mais o estylo...

ODALISCA — O seu trabalho *27 de Abril*, guardamos para publicar nesse mez, agora parece-nos não haver opportunidade. O outro trabalho — Tristezas — no proximo numero.

AIX 42 — Realengo — Publicaremos no proximo numero. Agradecidos pelo gentil offerecimento que retribuimos com a mesma sinceridade.

MARIAZINHA — Os seus postaes serão publicados.

DARIO GAZA — Idem, idem.

MIETA — Esqueceu-se do *Jornal das Moças*?

Phisionomia, usos e trajes dos chinezes

E' NECESSARIO algum tempo para que os europeus se acostumem com as feições das chinezas.

Nada mais original do que os seus olhos reduzidos e o seu nariz rebitado mas pouco saliente.

Sua bocca muito pequena, é por vezes vermelha como a romã madura e a sua cintura em extremo delgada são umas tantas cousas que enamoram a alma dos «touristes».

Muitas são bellas e meigas e quasi todas fazem uso das pinturas desde a mais tenra idade. No cimo da cabeça, apertam e erguem os cabellos de azeviche cingidos de grandes ramilhetes de flores artificiaes.

Dois longos alfinetes de prata se cruzam em sentido obliquo no alto da cabeça das damas ricas. As meninas trazem os cabellos esparzidos. Quando senhoras formam uma trança.

Pintam as sobrancelhas de preto e traçam por baixo do labio inferior e na ponta do queixo um circulo de vermelho vivissimo do tamanho de uma avelã.

Com franqueza nada ha mais disforme do que uma chineza velha.

O que tortura essas mulheres, mais singulares ainda aos olhos dos filhos da culta Europa, é o seu passo vacillante causado pele deformidade dos pés — envoltos desde a vida do berço em pequenas talas. Só não é sujeito a essa tortura o dedo maiusculo. Deste modo se obsta o seu crescimento. O pé chinez não tem mais de quatro pollegadas de comprido, sobre uma de largura, formando na altura do tornozello um inchaço consideravel.

E' desprezada toda a mulher que não tiver um pé assim estropiado. Parece que esta barbara usança é devida so exagerado ciume dos chins. No emtanto, mulheres ha, que correm tanto, quanto lhes permitte este castigo da moda. E porque correm? Tão sómente por que esta moda molesta e expõem-n'a a quedas e as faz soffrer a cada passo.

Quando sahem calçam sapatos com tacões de madeira forrados de couro, sobre os quaes se sustentam e bem raras vezes assentam a extremidade anterior do pé, com receio de tropeçar.

Uma tal maneira de andar lhes torna bem pouco agradavel o passo.

As mulheres do campo não martyrisam por esta forma os pés: como os homens trazem alpercatas de palha e como elles tambem andam sem o menor embaraço.

Vestem-se as mulheres segundo a categoria dos maridos: podendo fazer uso de todas as côres, excepto do amarello, por ser a côr reservada para o imperador. O habito de erguer os cabellos lhes põe a descoberto o rosto.

As mulheres idosas velam o semblante com um pedaço de panno negro (pau-teou), o qual é de côr branca quando estão de luto.

Em alguns cantões, trazem elegantes chapéos de palha, abertos ao fundo para lhes dar livre sanida ao tufo dos cabellos.

Pela leveza dos estofos differem os trajes de inverno e de verão.

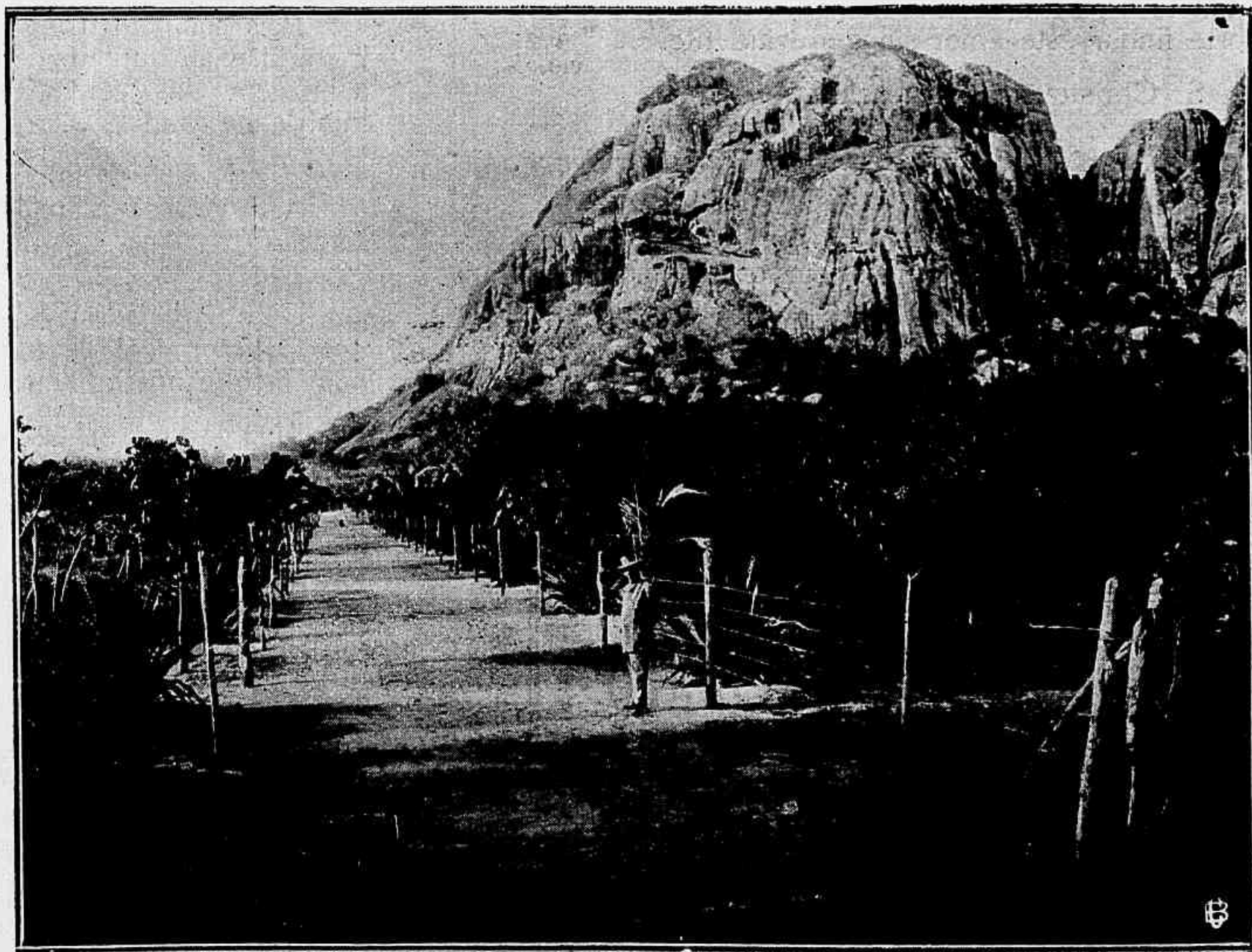
Nas provincias do norte trazem forros de pelle quando é intenso o frio.

Os chins podem sem se tornarem ridiculos, augmentar ou diminuir o numero das roupas, segundo o gráo de calor.

Andam ás vezes as mulheres tão enroladas que, não podem siquer juntar as mãos.

E como os trajes das mulheres bem pouco differem dos trajes dos homens, peço venia á leitora para dizer em um outro artigo alguma coisa, acerca do sexo forte.

HENRIQUETA.

O REFLORESTAMENTO DO CEARÁ

A 1ª tentativa do Horto do Quixadá coroada de pleno exito. Pequena matta de eucalyptos e casuarinas cujas arvores tem cerca de seis metros de altura com anno e meio de existencia

A' Thereza.

Immenso como o infinito e firme qual rochedo inabalavel, é o amor que te consagrei desde o momento feliz, em que tive a ventura de gozar pela primeira vez as caricias de um teu olhar.

Arminda.

A alguem.

Assim como a flor abre as suas mimosas petalas para receber o orvalho matutino, assim meu coração se abriu para receber o teu sincero amor.

Dalena.

Ao ?...

E's tu, és tu a estrella que mais fulgura no horizonte de minha existencia.

Maryinha.

Olhos.

A alguem.

A expressão desses olhos derrama uma torrente de meiguice.

Quem não capitularia nos mimosos combates de suas pupillas?

Só a infeliz a quem o destino negou encantos na vida e deu o pranto como Supremo conforto das horas desoladas.

Eva Carbó.

Para o poeta R. D.

Na estrada da saudade e da amargura, onde me deixaste outr'ora para seguires uma illusão e um amor que é falso e serve só para augmentar a minha dor, ainda te espero e espero até que tu voltes ou venha a morte findar este amor sincero e ardente.

Vitinha.

S. Christovão, 20-11-914.

Ao Dr. Egas Mendonça.

Nictheroy.

Poeta! Do mavioso e musicado enleio desses versos a mim dedicados, versos em que se nota o impulsivo coração vibrar, eu quizera retirar a rima apaixonada e louca, e aureolar com ella, a imagem daquella a quem trahiste um dia, a mais sincera das minhas camaradas!...

Minh'alma offendida e triste, repudia com o sentir da sua mais intima aspiração, a gloria desses versos, em que se hombreia num mesmo parallelo, o caracter de um poeta ao bestunto de um carrasco!...

Poeta dos «Lamentos»! Sê consciencioso um dia, e vá depor aos pés da minha doce amiga, envolta nos anhelos do Passado, a tu'alma digna de toda commiseração!...

O arrependimento, meu Adonis, perante o throno do grande Redemptor, redime a alma perante a humanidade!...

Magnolia Triste.

Tijuca, Novembro, 1914.

O homem fez da dor, o seu mais bello holocausto, comquanto seja o mais desgraçado dos emblemas.

As illusões são nuvens, que tolhem o horizonte humano, uma vez limpo, na realidade: é horror, é miseria.

Britto.

As lagrimas são as ultimas flores de um amor que deixou de existir.

Dolores D.

A alguem.

A saudade quando não mata desfaz um coração cheio de felicidade.

C.

A quem me comprehende

O amor nasce da expressão de um sorriso, cria-se no olhar, vive da felicidade e extingue-se muitas vezes com a ingratidão.

C.

S. Christovão.

Ao Dorinho S.

Vês aquelle fragil barquinho que a procella atirou contra o rochedo?... O que resta delle?... Algumas taboas que fluctuam sobre a superficie do mar, agora calmo.

Pois comparo o meu coração aquelle barco, e a tua ingratidão ao duro rochedo... As taboas restantes são a imagem das verdes esperanças que despontavam na minh'alma illudida...

A' Laurita.

A duvida é a mais cruel circumstancia para um coração que ama.

Clumenta.

Botafogo.

O amor verdadeiro nunca pode ser desprezado pelo homem que nós amamos com sinceridade.

M. D. G.

Rio, 24-11 914.

A' Thereza.

O amor nasce em um olhar, vive em um sorriso e morre em um beijo.

A amizade é a ultima flor que morre no jardim da existencia.

Dinarma.

A' senhorita Julieta.

Vi-te passar no caminho,
O' formosura celeste!
Mas, nesse andar miudinho,
Nem sequer um olhar me déste...

Pois até o sol glorioso
Quando surge no nascente,
Radiante, magestoso,
Olha p'ra toda a gente!

Pedro Bessane.

Laranjeiras.

A Mlle. N. Faria.

No expressivo olhar que trocamos ha dias, senti renascer todo este amor ardente, e uma suave esperança veiu embalar a minh'alma soffredora . . . Como seria ditoso recordar o passado! . . .

C. S. de Medeiros.

Botafogo — Rio.

A' Pepita.

Duvida, negro véo que conhece os corações apaixonados.

Josette Silva.

Campos, 21 de Novembro de 1914.

A alguem.

C. M.

Assim como a rolinha, ao cair da tarde, solta sentidos arrulhos chamando o companheiro, a essa mesma hora minh'alma soffre e meu coração chora, pensando na grande distancia que nos separa!

Dionéa Silva.

Campos, 26 11-1914.

A' amiguinha Odysséa Silveira.

Ciume, verme venenoso, que corroe os corações que amam sinceramente.

A. P.

Campos, 27 de Novembro de 1914.

A alguem.

Assim como Deus deu aroma as flores, o canto as aves, tambem deu-me um coração para te amar.

Herondina.

A ti B. G. Braga.

Assim como a modesta violeta occulta as suas bellas e pequenitas petalas entre as folhas, assim querido, occulto em meu coração a amizade que te consagro.

Ophelia dos Santos.

Rio.

Ao sympathico e distincto poeta Renato Lacerda.

A sympathia é o élo mysterioso que enlaça duas almas.

O homem, aprende a soffrer desde a infancia, e muitas vezes chega a velhice sem saber viver.

Nair M. Lopes.

A alguem.

O lenitivo que podemos auferir para tamanha dor, é tambem recordarmos com lagrimas o nosso passado feliz . . .

A' senhorita Celina B.

Donairoza, sorridente
Com seus olhos de alvorada,
Ella passou mansamente
Pela igreja illuminada,
E a minh'alma obediente
Piedosamente ajoelhada,
Pôde vel-a assim passar
Cheia de graça e belleza . . .
— Uma santa, com certeza
Que desceu dalgum altar!

Flavio.

Ao Antonio C.

Assim como as flores sentem nos jardins os raios do sol crestarem-lhes as mimosas petalas, assim tambem o meu coração sente feril-o o agudo espinho da saudade.

E. do Rio.

Ao Alcindo.

A amizade quando sincera é um élo inquebrantavel que une para sempre dois corações que se amam . . .

Deusdedith Oliveira.

Rio.

A Esperança

A alguem.

A esperança, é na terra um poderoso balsamo para os corações que soffrem.

Ella nos ajuda a supportar com resignação, os males tão frequentes da nossa existencia. Tanto na dor, como na alegria, ella nos mostra um futuro radiante de luz e de amor. Triste de nós quando ella nos abandona. Sentimos n'alma o desanimo e a desillusão.

Nada se compara á sua voz e ao seu sorriso. Consolo dos que soffrem!

Deus a fez irmã da «Fé e da Caridade», e deu-lhe o sublime nome de «Esperança».

Mercedes P. Pereira.

Rio, 16 de Novembro de 1914.

Querida Rosa.

Quando temos certeza de que somos queridos sinceramente tornamo-nos insensiveis ás intrigas e ás calunias.

Tua amiguinha

Arminda Monteiro.

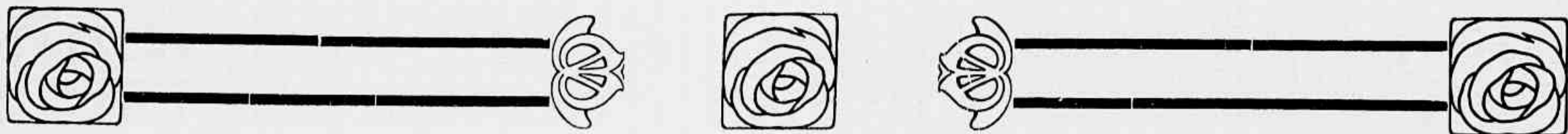
Olhos fascinadores . . .

A' gentil Mlle. M. D.

Tu dizes que sepultaste
No fundo do coração
As lagrimas que tu choraste
Pelo passado feliz,
Que risonha atravessaste...
Teu «postal» muito bem diz
Eu dou-te muita razão;
Quem, como tu, anda rindo,
Prasenteira e satisfeita,
Demonstra o prazer infindo
Com que sua alma se enfeita,
Mostrando tambem não ter
Mais lagrimas para verter...

Tograin

Aos seus assignantes, collaboradores, leitores e annunciantes o Jornal das Moças, deseja todas as prosperidades no anno novo.

Rio 1—1—915

Não me deixes!

CANÇÃO POPULAR BRASILEIRA.

Palavras de A. Gonçalves Dias. *Musica de* Antonio Carlos *jun.*

Allegretto.

CANTO.

PIANO.

De - bru - ça - da nas a - guas d'um re - ga - to A flôr di - zi a em - vão A' cor - ren - te, on - de a bel - la se mi - ra - va Ai, não........ me dei - xes, não! Com mi - go

A presente publicação nos foi autorisada pelo editor proprietario Sr. A. DI FRANCO — Rua S. Bento, 50 — S. Paulo

fi - ca ou le_va_me com ti - go Das ma_res á am_pli - dão: Lim_pido ou
tur_vo te a_ma_rei cons_tan_te, Mas não me dei_xes não E a cor -
ren_te pas_sa_va: no_vas a - guas A - pós as ou_tras vão; E a flôr
sem_pre a di_zer cur_va na fon - te: Ai, não me dei_xes, não!

BELLEZAS CEARENSES

Senhoritas: Maria Armenia Bezerra, Mariinha e Lili, de pé; senhoritas: Hilda Ferreira Lima, Lydia e Alice Freire mme. Maria de Lourdes, sentadas, residentes em Fortaleza.

Influencia do Natal

IZIDORO Leal, o respeitavel ancião que a cidade inteira conhecia e admirava pela sua bondade, adoecera, levando alguns mezes de cama.

Os seus padecimentos physicos que, a principio e durante algum tempo, não cediam á medicação, foram depois, pouco a pouco, diminuindo, e ao cabo de algumas semanas mais, graças á persistencia e solicitude do facultativo, o doente entrou em convalescença.

Sobrevieram-lhe, porém, um tedio e uma tristeza que muito o abatiam, a ponto de trazer a familia bastante apprehensiva, obrigando-a a lançar mão de todos os meios e artificios, a ver se ao menos um leve vestigio de contentamento lhe alentava o coração, que parecia infinitamente adormecido e indifferente a todas as delicias.

A que attribuir esse estado melancolico do velho Izidoro?

Elle era abastado, a familia passava bem, viviam todos na melhor harmonia, nada lhes faltando para que a felicidade lhes fosse completa.

Como, pois, explicar aquella tristeza?

Elle proprio confessava não ter nenhum desgosto ou maos presentimentos que pudessem justificar esse tedio, essa indifferença.

— Póde ser que isto passe com o tempo, dizia elle; por emquanto nada me appetece, nada me diverte, tudo me é indifferente.

Resignemo-nos, entretanto; talvez venham melhores dias.

Arthur, o filho querido, que se achava ausente havia quasi um anno, regressara á casa paterna no dia 24 de Dezembro, precisamente á hora em que algumas pessoas da familia se preparavam para a missa do gallo.

Izidoro, apenas percebeu a voz do filho que, na sala de visitas, abraçava a familia, fez um esforço e conseguiu sentar-se na cama, para poder estreitar em seus braços o Arthurzinho, que elle, mezes antes, quasi perdera a esperança de tornar a ver.

Arthur, vendo as irmãs em preparativos de passeio indagou:

— Vão sahir?

— Vamos á missa do gallo, respondeu uma dellas; queres ir comnosco?

Ouvindo essas palavras, o velho Izidoro fez um esforço ainda maior, firmando-se em ambas as mãos, que apoiara na cama e, tremulo poz-se de pé, ensaiando depois alguns passos.

Convencido de que não lhe era difficil andar um pouco, sentou-se de novo e aguardou, um tanto impaciente, a presença do filho na sua alcova.

Emquanto este permanecia na sala, a referir ligeiras peripecias da viagem, o velho quedou-se, a recordar as festas de Natal de outr'ora, que elle tanto apreciava, que tantos attractivos lhe offereciam.

Em meio de tão gratas recordações, ouvindo o repique de sinos de duas igrejas mais proximas, sentiu-se como que sacudido por uns fremitos que lhe punham a alma em ancia de gosos.

Levantou-se, então, mais lepido, enfiou o chambre e, instantes depois, com indizivel sorpresa e alegria de todos, appareceu na sala, sorridente, e abrindo os braços para o filho, disse:

— Deixa-me ver esse abraço, rapaz, que ha tanto tempo não te via.

Voltando se em seguida para as filhas, exclamou:

— Que demora! Ainda não estão promptas? Olhem que são horas. Mandem-me ageitar a roupa que eu tambem vou.

— Não acho prudente, Izidoro, obtemperou a esposa; estás ainda muito fraco. . .

— Qual fraco, qual nada! Achas que eu deva ficar em casa, quando os sinos convidam os fieis á missa do gallo e á contemplação do Menino-Deus no presepe?. . .

Anda daih, dá-me a roupa, que não ha tempo a perder.

E voltou ao quarto, com passos mais firmes, cantarolando.

Estava restabelecido o velho Izidoro.

Seria isso devido á expansão do amor paterno, á chegada do filho?

Talvez. . . Mas tambem, que poderosa influencia não exerce no coração dos fieis o timbalhar dos sinos, em noite de Natal! . . .

O. F.

MODAS E MODOS

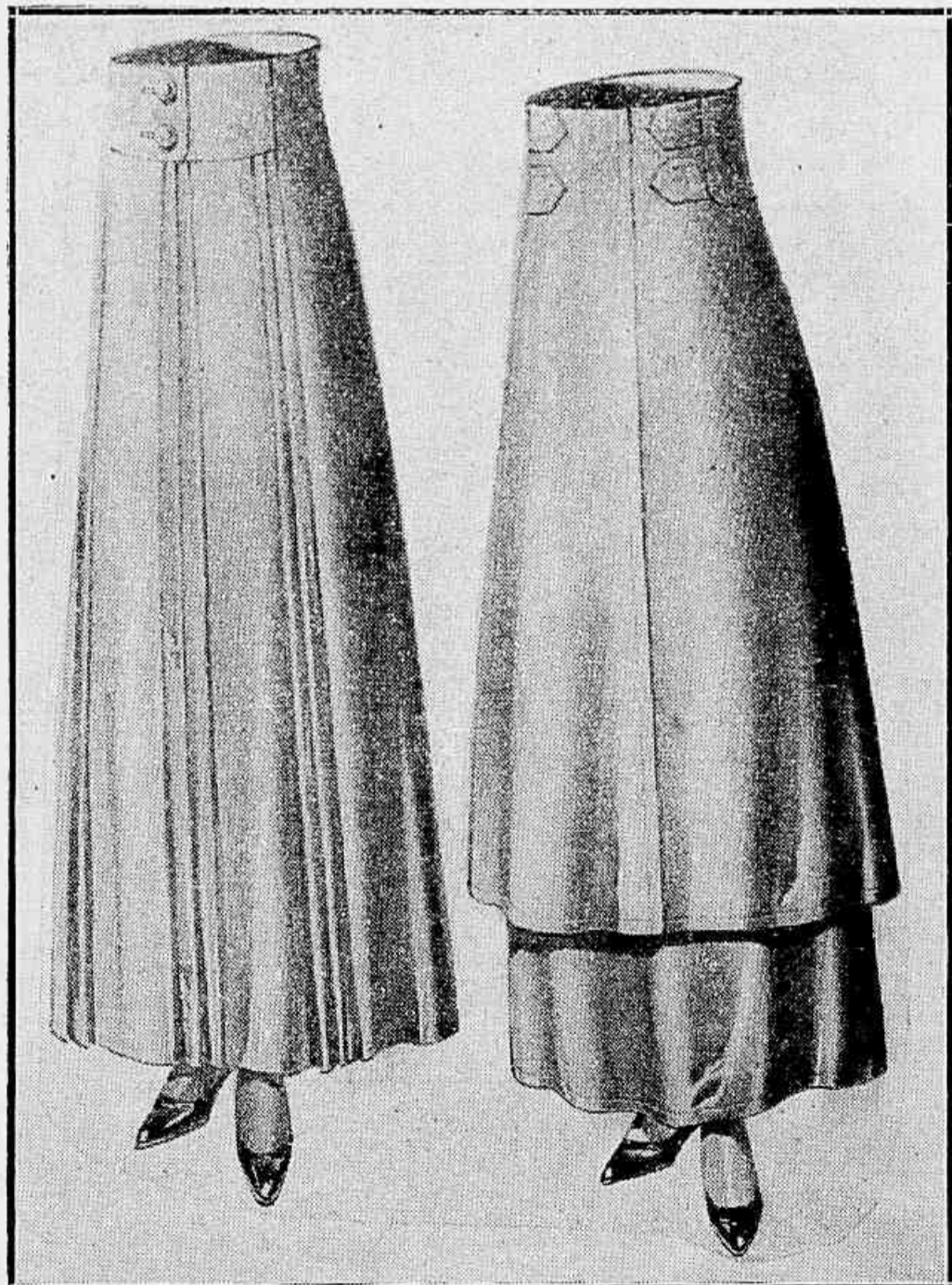
Apesar da guerra incruenta que assola o velho mundo com todas as suas calamidades e horrores, as principaes officinas de modas em Paris continuam trabalhando activamente.

Quando a cidade luz esteve sob a ameaça imminente de um cerco pelas tropas inimigas, o espirito publico, debaixo da pressão expectante desse acontecimento, foi naturalmente desviado do assumpto Moda.

Houve como que uma paralysação na vida chic da grande metropole da arte.

Passados esses afflictivos e angustiosos momentos voltou a relativa calma e os boulevards começaram a movimentar-se, os grandes «magazines» reabriram suas portas, os ateliers de costuras recomeçaram os seus trabalhos na investigação e creação de novos modelos, accentuando-se cada vez mais a tendencia para as saias duplas amplas.

Nota-se, tambem, agora que os volantes se vão dispondo de uma maneira differente.

Antes, elles se collocavam de forma que os mais estreitos ficavam na parte inferior da saia e os mais largos na parte superior, muito proximo á cintura; agora faz-se justamente o contrario : os volantes mais largos ficam embaixo, dando á saia a amplitude exigida pela moda actual e a tunica que os encobre, completa, admiravelmente, o conjunto, como as nossas gentis lei-

Saias modernas

Vestidos para passeio, ultimos modelos

toras poderão observar nos modelos que reproduzimos nesta secção.

As tunicas são pregueadas á mão, pregas largas, prezas na cintura, alisadas com o ferro.

Outras vezes as tunicas são lisas, bem compridas e as saias pregueadas.

As mangas dos corpetes compridas ou curtas, gollas deitadas abertas ou altas guarnecidas de rendas.

Os cintos são largas faixas formadas com tecido do mesmo vestido ou fazenda de seda preta ou gorgorão em tiras largas, pregueadas tambem ou com bordados e applicações de fantasia.

Em Paris, onde actualmente o inverno domina, as saias lisas são confeccionadas em seda flexivel, taffetá ou setim fino, que combinem exactamente com a côr do tecido de lã de que se confecciona a tunica. Mas para nós que estamos, agora, justamente em estação opposta, isto é, em pleno verão, e o verão carioca, com os seus dias longos de sol radiante, céo claro e tardes cálidas, devemos escolher tecidos mais leves, adequados ás nossas condições climatericas.

Tudo indica que vamos caminhando para os vestidos-balões, como transição para os vestidos de cauda que fizeram as delicias de nossos antepassados.

CARMEN.

Graciosas toilettes para mocinhas

A CAMISA

O HABITO de trazer uma roupa de linho sobre a pelle foi, talvez, o maior progresso realisado outr'ora na hygiene do vestuario.

Mas, de quando data este uso?

Os historiographos não se acham de accordo nesse particular.

Em regra, julgam que a antiguidade ignorava a camisa.

Sob a ampla vestimenta «drapée» que se denominava «imation» entre os gregos, e «toga» entre os romanos trazia-se, no emtanto, uma tunica, a qual representava o papel da nossa camisa

Essa tunica, na «toilette» das grandes damas romanas do Imperio, tinha a designação de «sub-parum». Era de algodão ou de seda, conforme a qualidade e a fortuna da sua proprietaria.

Nos tempos merovingios e carlovingios, homens e mulheres usavam igualmente uma tunica, que se chamava «chainse», por cima da qual se passava outra, mais curta, geralmente de melhor tecido, adornada de bordados nas mangas e no collarinho. Denominava-se «bilaud».

A «chainse» tornou-se a camisa; o «bilaud» deu origem á blusa.

O nome primitivo não desappareceu completamente da linguagem de certas regiões da França, em que se diz «bilaude», para designar a blusa.

Foi no seculo X que a «chainse» se transformou em camisa e tornou-se o vestuario fundamental de linho trazido por todas as pessoas de certa categoria.

Durante tres seculos, entretanto, a camisa representou um luxo. Só os fidalgos e os burguezes ricos a vestiam.

No seculo XIV, emfim, ella começou a se democratisar.

« A originalidade do seculo XIV, em questões de vestuario, diz Siméon Luce na sua «Historia de Duguesclin», é de ter sido o seculo do linho; e o uso universal da camisa é o acontecimento mais consideravel desse tempo.»

A povoação dos campos, os burguezes pouco afortunados usavam a camisa muito simples, de grosso tecido escuro; mas, a contar do fim do seculo XIII, a moda, nas cidades, impoz a camisa de tecido leve, ornada de ricos bordados.

No Languedoc as mulheres se utilisavam, então, de uma veste chamada «sorquanie», fendida no peito, que deixava ver, por uma larga abertura enlaçada, o tecido transparente de uma camisa franzida, pregueada, bordada de seda e ouro.

As autoridades administrativas se mostravam muito severas contra esses excessos sumptuarios. Queriam que a camisa fosse hygienica, mas não admittiam que constituisse um objecto de luxo.

Em 1298, o consulado de Narbonne promulgou uma lei contra as camisas muito ricas. Só as recem-casadas eram autorisadas a trazer, durante o primeiro anno, uma camisa bordada.

Até os pregadores trataram do assumpto. Alguns, reunindo o povo nas praças publicas, apresentavam a moda como um elemento de perdição. Contra o «heunin», a alta touca pontuda, Frei Thomaz Connecte pregou indignadamente

Depois das suas prédicas o povo perseguiu as mulheres que traziam o «heunin» e queimava esses chapéos medievaes.

Vitry, que foi cardeal mais tarde e tinha o renome do maior pregador do seu tempo condemnava com toda a energia da sua eloquencia a moda das camisas muito adornadas.

Isso não impedia que as mulheres as usassem extremamente guarnecidas. Mas, cumpre notar que as mais elegantes e mais ricas dentre as representantes do sexo feminino possuiam menos camisas finas do que qualquer burgueza mediocremente afortunada dos nossos dias.

Quando a rainha Izabeau de Baviera chegou á França, foi commentado o seu luxo inaudito, porque ella tinha tres duzias de camisas! Quarenta annos, após a rainha, mulher de Carlos VII, possuia apenas duas duzias.

Dois seculos mais tarde, um rei de França apenas contava doze camisas. Alludimos a Henrique IV.

A «chainse», a predecessora da camisa, era um objecto de luxo. Constituia um apreciado presente.

Lê-se nas chronicas que Salomon, duque de Bretanha, no seculo XI enviou trinta «chainses» ao papa Adriano II.

Vestidinhos para creanças

Mais tarde, a camisa foi imposta como um trabalho que os servos deviam effectuar. E se os monges não a usavam, era, principalmente, porque essa vestimenta de luxo não se coadunava com o voto de pobreza.

A camisa, accrescentemos, devia ser despida no momento de deitar. Até ao seculo XVI dormia-se sem roupa.

Só então começaram algumas pessoas a usar camisa durante o somno; mas isso era a excepção.

Na época de Luiz XIV esse costume não tinha ainda desapparecido. Nas «Précieuses ridicules» de Molière, ha uma referencia a esse habito.

Quando o rei, em 1661, emprehendeu uma viagem a Nantes, pernoitou numa hospedaria. No meio da noite, ouviu-se um grande tumulto; e o capitão da guarda, levantando-se, correu, de espada em punho, acompanhado de alguns soldados, em defesa do soberano. Fabry, em versos conhecidos, relata que esses homens estavam despidos, pois lhes faltara o tempo de se apresentar de outro modo perante o monarcha.

Nessa época as noções attinentes ao pudor eram ainda rudimentares.

Elegantes toilettes de passeio para serem confeccionados em taffetá, linon ou crepon listado, reunindo em seus detalhes as ultimas evoluções da Moda.

Historia do Brazil em poucas palavras

POR WLADIMIR PEREIRA

Guerra do Paraguay

Emquanto o Brazil se debatia na luta com os Orientaes a bem do direito de seus filhos, o dictador do Paraguay, Francisco Solano Lopes, apresionou o paquete brazileiro *Marquez de Olinda*, no qual ia o coronel Frederico Carneiro de Campos, presidente da provincia de Matto-Grosso. A 14 de Dezembro de 1864 o dictador do Paraguahy declarou guerra ao Brazil e mandou logo invadir Matto-Grosso sendo tomado o forte de Coimbra. A 20 de Fevereiro de 1865 foi assignada a rendição de Montevidéo ás forças brazileiras terminando assim a guerra entre o Brazil e o Uruguay, que se uniu aos brazileiros contra os Paraguayos.

Nação fraca e nascente ainda, pois só contava 42 annos depois da sua independencia, o Brazil teve a gloria de ver a união reinar entre seus filhos ligados todos pelos laços do amôr á patria por cujo sentimento se julgaram fortes para lutar muitos annos contra a nação inimiga. A 27 de Jadeiro de 1865 foram creados os Corpos de Voluntarios da Patria e foram chamados Guardas Nacionaes ao serviço da Guerra. A 1 de Março o marechal de campo Manoel Luiz Osorio assumiu o commando êm chefe do exercito brazileiro. O dictador Lopes, vendo que os Argentinos tinham impedido a passagem das tropas paraguayas por Corrientes e Entre Rios com o fim de invadir o Rio Grande do Sul fez apresionar dois navios e tomar Corrientes ateando assim a guerra com a Argentina. Unidos o Brazil, a Argentina e o Uruguay assignaram a 1 de Maio de 1865 o tratado offensivo e defensivo da triplice alliança. O primeiro ataque do exercito alliado foi sobre as forças paraguayas em Corrientes. Francisco Manoel Barroso chefe da divisão da marinha braizleira, tendo informado de que os paraguayos vinham atacar a esquadra brazileira no rio Paraguay, preparou-se para o combate. Effectivamente a 11 de Junho de 1865 travou-se a memoravel batalha naval do Riachuelo, cuja recordação é de tanta gloria para a marinha brazileira. Entretanto os paraguayos, atacam S. Borjas e tomam Uruguayana. Levantou tão fervoroso alarma nos brazileiros que o proprio imperador deixou o Rio de Janeiro e a 11 de Setembro chegou ao theatro da guerra, A 18 os Paraguayos commandados por Estigarriba, rendeu-se em Uruguayana regressando o imperador para o Rio de Janeiro. Embora com bastante difficuldade o general Osorio auxiliado pela esquadra consegue atravessar o rio Paraná na madrugada de 16 de Abril. A 20 de Maio transpõe o Estero Bellaco e, acampando em Tuyuty, trava alli a memoravel batalha de 24 de Maio. Sob o commando do general barão de Porto Alegre, commandante do 2º corpo de exercito que operava na margem do rio Paraná, foi assaltado e tomado o forte de Curuzú no dia 3 de Setembro, brilhante operação que esse valoroso general queria fazer seguir de ataques a outras posições inimigas. Não sendo porém isso feito as forças paraguayas ganharam o tempo em tornar enexpugnavel a sua posição de Curupaity de modo que no dia 22 desse mez foram as forças brazileiras repellidas no ataque que levaram a essa trincheira. A 10 de Outubro de 1866 o governo imperial nomeou o marechal marquez de Caxias para assumir o commando do exercito brazileiro no Paraguay. O general Osorio, ainda não completamente restabelecido, voltou a tomar seu proeminente logar na guerra, prestando assim valioso concurso ao marquez de Caxias. Após grande numero de batalhas onde pela maior parte foram vencedores os exercitos alliados, effectuou-se a 19 de Fevereiro de 1868 a passagem de Hnmaytá sendo a esquadra brazileira commandada pelo capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho. Proseguindo sempre o exercito alliado sahiu vencedor nas batalhas de Itoróró, Avahy, Lomas Valentinas e Angustura. A 5 de Janeiro de 1869 o marquez de Caxias entrou triumphante em Assumpção, capital do Paraguay. Foi então nomeado commandante em chefe das tropas brazileiras no Paraguay o principe Conde d'Eu, que assumiu o commando a 17 de Abril de 1869. A 30 de Maio travou-se a batalha de Jejuy e a 12 de Agosto o exercito apoderou-se de Beberibe, onde foi morto o brigadeiro João Manoel Menna Barreto.

Sempre derrotado o dictador Francisco Solano Lopes refugiou-se nas cordilheiras e parou nas margens do Aquidaban, em Cero Corá.

Até ahi chegou o exercito brazleiro, commandado pelo general Camara, a 1 de Março de 1780, onde travou-se pequena luta, que deu em resultado a morte do dictador.

Com a morte de Solano Lopes terminou a campanha do Paraguay, que durára 6 annos e onde a patria brazileira teve a lamentar a perda de muitos de seus filhos que derramaram o seu sangue em defesa da honra nacional.

Graça infantil

Senhorita Celuta de Carvalho

O gracioso Antonico, filho do capitão de fragata Antonio Ferreira da Silva

A Rainha das Fadas

(LENDA)

UMA TARDE, a branca Arma, rainha das fadas, chamou todas as suas subditas dispersas no valle.

Ao seu chamado, chegaram como que um bando de pombas.

Arma estava apoiada contra uma macieira coberta de fructos vermelhos. Sobre sua cabeça trazia uma corôa de agarico.

Ella falcu : « Eu queria o que não póde dar o meu poder; eu queria o amor do filho de Pen-Ru, o senhor de Era-Garantez.

Qual de vós viu Marcos Pen-Ru quando elle percorreu as margens arenosas dos rios no seu cavallo escuro?

Sua cabelleira parece-se com duas azas de corvo, polidas, e tudo aquillo que elle olha parece ser feito para o servir, tanto seu rosto é altivo e bello.

Ha longo tempo que meus olhos distinguiram esse altivo e intrepido cavalleiro.

A' noite, quando elle galopa pelas verêdas abertas, meu amor o protege: eu desvio as pedras que poderiam fazer tropeçar seu cavallo.

Durante o dia, quando o sol dardeja seus raios abrazadores sobre os monticulos de areia, eu ordeno ás nuvens que estendam sua sombra protectora sobre sua cabeça.

Sou eu que semeio flores de ouro que brotam nas pedras de sua varanda.

Emfim, sou eu quem o protege, que o procuro agradar por mil meios : todas as suas alegrias vêm de mim, e no emtanto Pen-Ru não me demonstra nenhum reconhecimento.

A ternura de uma fada é sem encanto para elle. Mas eis que elle está sentado sobre o musgo da orla de um bosque; toquei suas palpebras com minha foice de ouro, e elle está adormecido. Segui-me. Eu quero que vós me ajudeis a transportal-o para o meu palacio de crystal. Eu quero que elle seja meu esposo.»

Todas as fadas applaudiram Arma e precipitaram-se com ella para o lado da clareira onde dormia o bello Pen-Ru.

Elle estava em baixo de um espinheiral em flor estendido sobre seu manto. As fadas inclinaram-se em torno delle como os passaros do mar, e puzeram-se a cantar em côro;

« Janeiro para a neve, fevereiro para os caramellos, março para o granizo, abril para as lãs, maio para as hervas verdes, junho para as ceifas do feno, julho para o descascar dos ovos, agosto para as colheitas, setembro para a cerração, outubro para os ventos tempestuosos, novembro para os grandes rios, dezembro para o frio.»

Jorge e Gioconda Provenzano, filhos do sr. Octavio Provenzano

E todas cantando, tomaram o manto sobre o qual dormia Pen-Ru, e ellas o arrebataram nos ares para os lados da montanha na qual se elevava o palacio de crystal: porém eis que o joven desperta e reconhece a rainha das fadas. Então elle exclama: — « Que queres de mim bella Arma » ? Arma responde: « Dorme, Pen-Ru, dorme até chegares ao meu palacio. Então despertarás para ser o meu esposo. »

Porém Pen-Ru diz numa voz firme: « Isso é impossivel Arma, porque tu és uma divindade pagã e eu sou christão. Deixae-me voltar á mansão onde meu pae me espera. »

A fada responde: Tu não sabes que felicidades te esperam: eu te darei minha parte de realeza e meus direitos sobre o mundo dos espiritos.

— Eu gosto mais da corôa de estrellas que Deus dá a seus escolhidos e um logar em seu paraiso.

— Tú comerás como os reis da terra, tú beberás em taças de ouro os vinhos mais deliciosos.

— Eu prefiro o pão negro e a agua das fontes, que o signal da cruz benze.

— Tú serás vestido de velludo e de pedrarias.

— Eu quero conservar a camisa de linho que trazem os solitarios christãos e que fazem os bemaventurados.

Assim falando, Pen-Ru tomou de uma santa reliquia em forma de cruz que elle não abandonava de nenhum modo e diz:

« Eis o que vence todos os talismans. »

Arma quiz tocar a reliquia com sua foice de ouro, mas a foice se quebra e Pen-Ru continua: « Aquella que eu tocar com esta reliquia será forçada a deixar-me. »

Então Arma gritou ás fadas que o levantassem mais alto e quando as florestas e aldeias não pareciam mais que uns pontos negros, ella diz: Agora, Pen-Ru, tu te podes servir da reliquia; porque se nós te deixarmos tú rolarás no abysmo e morrerás.»

Elle responde: « Feliz o que morre pela fé; Deus o recebe em sua gloria. »

Com essas palavras, elle toca com sua reliquia todas as fadas que voavam segurando o manto, o qual, não mais sustentado Pen-Ru, rólou no espaço. . .

. . . .

Existem no fundo de um valle tres pedras cobertas pelo musgo.

E' a tumba de Marcos Pen-Ru, sobre a qual descançam muitas vezes os coelhos que pullulam na charneca deserta.

A lenda diz que não se vêm mais fadas no paiz, é porque ellas estão presas á fórma desses pequenos animaes depois desta triste aventura, onde a bella Arma perdeu para sempre a esperança de conquistar o amor do bello Marcos.

Grazy.

INFANCIA

Linda, tão linda é a nossa infancia.

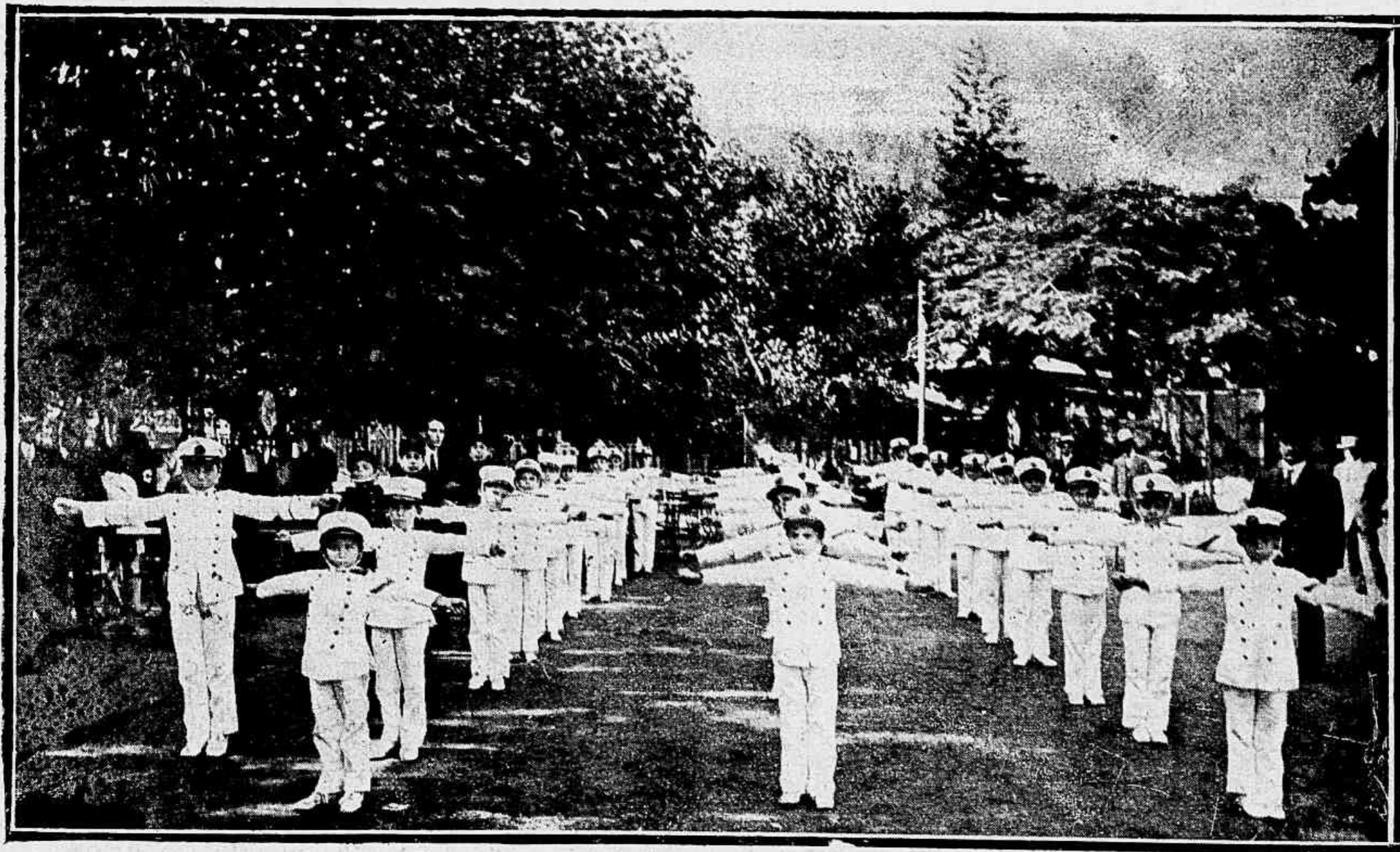
Correr pelas campinas, atraz das ceruleas borboletas, alegres como passaros no estio. . .

Percorrer anciosamente os laranjaes, trepando, ora aqui, ora acolá, em busca dos dourados fructos, ir-mos ao estudo, alegres, joviaes, como andorinhas na primavera. . .

Tudo isso é nossa infancia.

Vale um thesouro . . . . . . e nós só a sabemos avaliar, depois que a passamos. . .

Rio, 12 — 8 — 914. S. Diogo.

COLLEGIO MAIA

Grupo de alumnos em exercicio de gymnastica sueca

DE TUDO UM POUCO

As bodas na Lituânia

Na Lituânia não se casam as mulheres antes de completarem vinte e quatro annos e segundo o costume estabelecido, devem presentear o marido com uma prenda tecida e confeccionada por ellas.

Ao sahir da igreja fazem dar á desposada tres voltas em roda de uma fogueira, sentam-a em seguida em uma cadeira, lavam-lhe os pés com agua tépida, e com o liquido que fica na banheira aspergem as camas, os moveis e os utensilios da casa dos recem-casados.

Untam depois os labios da noiva com mel, vendam-lhe os olhos e conduzem-n'a á casa, cuja porta deve entrar com o pé direito.

No fim da ceia e á hora a que devem conduzir a noiva á alcova nupcial, cortam-lhe o cabello e todos os convidados dançam em volta della.

Côr artificial das flores

A flor cuja côr é violacea, torna-se encarnada, si for banhada, com acido azotico dilluido e, si encerrada numa caixa onde será exposta aos vapores do acido chlorydico, tomará ao fim de seis horas, uma bella côr de carmim, côr que conservará, si for collocada em logar secco e sombrio, depois de enxuta ao ar e fóra da luz.

Outra particularidade: as flores inodoras, como são em geral, as asteraceas, sob a acão do ammoniaco, adquirem um perfume agradavel.

O cifrão

A origem do signal $, que é usado pelos americanos para designar o dollar; pelos hispano-americanos para designar o peso e pelos brasileiros e portuguezes para designar os respectivos mil réis, vem segundo as investigações do *Historial Recoud* dos tempos de Tyro, onde era usado como marca de certa moeda.

As duas linhas verticaes representavam as columnas de Hercules, insignia da colonia de Gades hoje Cadiz, onde a moeda primeira circulou.

Quando se fez a união da colonia á mãe patria foi symbolisada pela ligação, entrelaçando as duas columnas, e a moeda ficou adoptada como moeda Tyria.

Carlos V. restabeleceu o uso do cifrão até os nossos dias.

RECEITAS

Remedio inglez contra a grippe. —Na Inglaterra toda a gente, no começo d'um accesso de grippe, emprega a tintura de guinino amoniacal.

E' effectivamente um dos melhores meios de cortar logo de principio esse excesso ou pelo menos moderar a duração. A tintura prepara-se desta maneira: sulfato de quinino, 20 grammas; ammoniaco a 10 %, 100 centimetros cubicos; alcool a 60 %, 900 centimetros cubicos. Mistura-se o ammoniaco com alcool, junta-se-lhe o sulfato de quinino, agita-se até á completa dissolução, deixa-se tres horas em repouso e em seguida filtra-se.

*

Para limpar as facas de aço. — Nada ha melhor do que uma batata e pó de tijolo. Corta-se uma batata, molha-se no pó de tijolo e esfrega-se a lamina da face até ficar limpa e brilhante.

E' um meio muito simples porque não exige muita força e não ha perigo de fazer perder o fio á faca. Juntando ao pó de tijolo um bocadinho de cabornato, obtem-se rapidamente um bello polido.

*

Desinfectante barato. — O café queimado é um desinfectante muito efficaz. Actua energicamente sobre as emanações putridas animaes e vegetaes.

O mau cheiro que se nota nas proximidades das latrinas desapparece facilmente com o uso do café queimado. Pode até utilisar-se para fazer fumigações nos quartos dos doentes, contanto que se opere moderalmente. Estas fumigações são melhores que a maior parte das fumigações chimicas.

*

Os diamantes verdadeiros.—Distinguem-se facilmente dos falsos submergindo-os em agua limpida. Se a pedra perde o brilho e não reluz, é falsa; se, pelo contrario, conserva o fulgor natural, é diamante verdadeiro.

*

Para aclarar a voz enrouquecida pelos effeitos do frio ha um remedio tão simples como agradavel. Bate-se uma clara de ovo, junta-se-lhe o sumo d'um limão, adoça-se com assucar e toma-se uma colher de vez em quando.

O mel, alimento de poupança— Pelo facto de conter menos de vinte por cento de agua, o mel é um dos mais seccos alimentos para o homem. Um pedaço da melhor carne de vacca encerra sessenta e cinco por cento, sem entrar em conta os ossos. Algumas das fructas mais caras e muitas hortaliças são quasi que só agua; contêm della noventa e cinco por cento, e, ás vezes, mais. Este é um ponto que os agricultores de modo algum, devem desprezar. Quem poderá contestar que entre uma libra de carne, mesmo de superior qualidade, e uma libra de bom mel, em preços iguaes, a vantagem é toda para o mel? O mel póde ser conservado indefinidamente, ao passo que a carne deteriora dentro de 24 horas. Felizmente a melicultura vai hoje em franco progresso por toda a parte; todos reconhecem no mel um alimento de facilima digestão, muito mais assimilavel que o assucar, tanto de canna como o de beterraba. Estamos informados que no exercito britannico os soldados recebem diariamente uma consideravel ração de assucar de canna, visto se ter verificado que o assucar, em proporções não exageradas, é um grande factor de carne e de musculos.

Si tal acontece com o assucar, tanto melhor se dará com mel, innegavelmente um dos melhores alimentos concentrados.

*

Balas de coco— Côco ralado um, assucar uma libra, leite meio copo, ovos seis gemmas e duas claras, vinilina em pó.

*

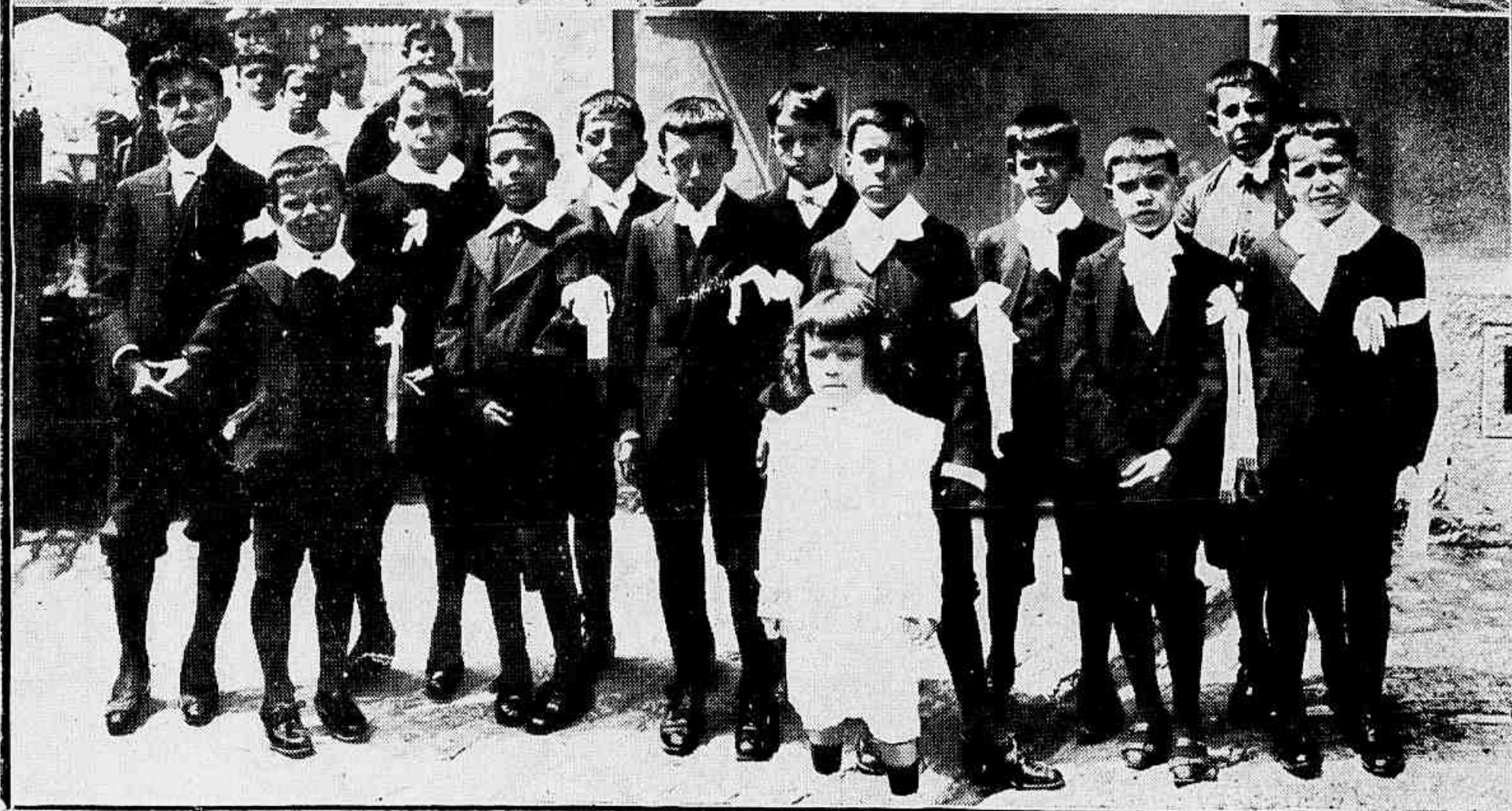
A clara do ovo é muito nutritiva e deve dar-se em abundancia ás pessoas delicadas, batidas e misturadas com um pouco de café.

*

Para impedir que o leite se altere.—Póde-se se fazer que o leite coalhado volte á sua fluidez natural, ajuntando-lhe, emquanto estiver quente, uma colher de leite fresco, no qual se desfaça uma pitada de carbonato de potassa ou bicarbonato.

Esta substancia que é pouco dispendiosa e se encontra em qualquer pharmacia não communica ao leite sabor desagradavel.

E' conveniente deitar alguma quantidade d'essa substancia no leite antes de o ferver, quando se receiar que elle se altere ou azede, como acontece no verão, durante os grandes calores e especialmente em tempo de trovoada.

Collegio N. S. da Estrella

Grupo de alumnos e alumnas que fizeram a primeira communhão

Aux gentes dames de notre métropole, dont la haute gomme allie au coeur latin le geste chevaleresque et épique, aux Don Quichotte de la Manche, autant qu'aux pénitents endurcis, à tous, nous invitons à rendre visite à nos nouveaux locaux, Avenida Rio Branco 149 (au-dessus du Cine Palais) où, dans un cadre bien moderne et digne de l'élite de notre société, la "Moderne Méthode," dont nous sommes concessionnaires pour toute l'Amérique, poursuit son chemin, collaborant ainsi à la victoire finale des alliés.

Ce faisant, et tout à votre visite,

Nous nous soussignons

"Moderne Méthode"

Représentée par

International School of Languages

Ás Ex.mas Senhoras e Senhoritas

E' chic e util uma senhorita ou senhora ornamentar sua sala com trabalhos por si executados.

Actualmente, apresenta-se uma occasião de Vv. Ss. apprender dezenho e pintura, por um methodo pratico, já approvado, e dispendendo uma insignificancia.

Dirige o curso, o professor Carlos Reis, autor do methodo adoptado nas Escolas de S. Paulo, R. Grande, Minas e Santa Catharina, e premiado nas exposições de Lisboa, S. Paulo e Capital Federal.

Ensina: Dezenho geral, aquarella, pintura a oleo, pintura chineza, pintura a pastel e a bico de penna, etc., e executa qualquer trabalho por preço modico.

Especialidade: pintura em almofadas e guarnições para casamento
POR PREÇOS BARATISSIMOS

Preço dos cursos		
	Ensino em cursos geraes	5$000 por mez
	» » » até 20 alumnas	10$000 » »
	» » » 10 »	20$000 » »

Cursos particulares, em collegios ou na residencia das alumnas, preço convencional.

Chamado ao atelier Carlos Reis — Rua do Estacio, 69

NÃO FORAM PUBLICADOS
OS DIAS: 2 A 14